

Perfeitos no Amor

“O próprio Deus da paz os santifique completamente. E que o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”

1 Tessalonicenses 5.23 · NAA

Bispo Ildo Mello

O ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação

Igreja Metodista Livre do Brasil

Sumário

1. A santidade de Deus (*Apocalipse 15.4*)
2. A imagem quebrada e a promessa da restauração (*Ezequiel 36.27*)
3. Sejam santos, porque eu sou santo (*1 Pedro 1.15*)
4. Santidade relacional, posicional e prática (*1 Coríntios 1.2*)
5. “Sejam perfeitos”: o que Jesus quis dizer (*Mateus 5.48*)
6. O coração indiviso (*Mateus 22.37*)
7. A restauração da imagem de Deus (*Romanos 8.29*)
8. As promessas: Deus santifica completamente (*1 Tessalonicenses 5.23-24*)
9. Duas expectativas sobre o alcance da graça (*Lucas 18.27*)
10. O enigma de Romanos 7 (*Romanos 7.24*)
11. Romanos 8 e a vida no Espírito (*Romanos 8.2*)
12. Wesley e as fronteiras da doutrina (*Filipenses 3.15*)
13. B. T. Roberts e a santidade bíblica (*1 João 4.18*)
14. O caminho: crise, processo e meios de graça (*Filipenses 2.12-13*)

A santidade de Deus

“Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo.”

Apocalipse 15.4 · NAA

Leitura prévia: Isaías 6.1-8; Levítico 11.44-45; Êxodo 15.11

Bispo Ildo Mello

Por onde começar um estudo sobre santificação?

A tentação natural é começar por nós: pelo que devemos fazer, pelo que devemos deixar de fazer, pelos hábitos a corrigir. Mas esse é exatamente o caminho que produz farisaísmo. A Bíblia começa em outro lugar.

1. Ela começa por Deus

Antes de dizer qualquer coisa sobre a santidade humana, a Escritura diz muita coisa sobre a santidade divina. E a ordem importa.

2. A nossa santidade é derivada

Somos chamados a ser santos porque ele é santo. Não temos santidade própria para oferecer a Deus; temos apenas a que recebemos dele.

3. Resposta, nunca ponto de partida

Guarde esta frase, porque ela organiza o curso inteiro: a santidade cristã é sempre resposta ao que Deus é e ao que Deus fez.

Uma palavra que atravessa toda a Bíblia

As palavras *santo* e *santidade* e seus derivados aparecem cerca de novecentas vezes nas Escrituras. No sentido básico, santo quer dizer separado daquilo que é impuro e consagrado ao que é puro.

PRIMEIRO SENTIDO

Transcendência

Deus é separado de tudo o que criou, incomparável, de outra ordem de ser. “Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade?”

Êx 15.11; 1Sm 2.2

SEGUNDO SENTIDO

Perfeição moral

Deus não é apenas diferente; ele é bom, e bom de uma bondade sem falha. “Eis a Rocha! As suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são justos.”

Essa dupla dimensão explica por que o encontro com Deus produz, ao mesmo tempo, temor e desejo. Diante da sarça, Moisés ouviu: “Tire as sandálias dos pés, porque o lugar em que você está é terra santa” (Êx 3.5). O chão não era santo por natureza; ficou santo por presença.

Só Deus é santo em sentido absoluto

“Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo.” *Apocalipse 15.4*

Guarde esta afirmação, porque ela vai reaparecer em todas as aulas. Nenhuma doutrina cristã da perfeição pode ignorá-la.

Quando falarmos de perfeição cristã, jamais estaremos falando de uma santidade equivalente à de Deus. Wesley foi explícito ao formular a quarta de suas onze proposições de 1764: “Não é absoluta. A perfeição absoluta não pertence ao homem, nem aos anjos, mas só a Deus.”

Isso não anula o chamado à santidade; apenas o coloca no lugar certo. A santidade que Deus nos concede é participação, não igualdade. Os serafins que clamam “Santo, santo, santo” (Is 6.3) não são santos como Deus é santo; eles participam de uma santidade que contemplan e adoram.

Uma santidade que pode ser comunicada

Se a santidade fosse apenas transcendência, nada haveria a dizer sobre santificação humana; restaria adorar de longe. Mas a Bíblia apresenta a santidade divina como algo que Deus decide comunicar.

“Também disse Deus: Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.”

Gn 1.26

“Consagrem-se e sejam santos, porque eu sou santo.”

Lv 11.44

“Tu és santo” · “santo é o seu nome”

Sl 22.3; Lc 1.49

“Não entrará nada impuro” no Reino que é justiça, paz e alegria.

Rm 14.17; Ap 21.27

Repare no verbo. Deus não diz apenas “admirem a minha santidade”; ele diz “sejam santos”. A ordem pressupõe uma possibilidade. Deus não zomba das suas criaturas ordenando o impossível.

B. T. Roberts insistia nesse ponto contra os moralistas do seu tempo, e a crítica continua atual: há muito ensino que se esforça por fazer as pessoas agirem melhor sem lhes dizer como ser melhores. O resultado, dizia ele, é um esplêndido fracasso.

A ordem correta das perguntas

Quando alguém procura o pastor perguntando “como faço para vencer este pecado?”, a pergunta é legítima, mas está começando pelo meio.

1. A pergunta anterior

Quem é o Deus com quem eu tenho a ver? Quem não teve nenhuma visão da santidade de Deus trata o pecado como problema de desempenho, e procura soluções de desempenho: mais disciplina, mais esforço, mais controle.

2. O que muda com a visão certa

Quem viu alguma coisa da santidade de Deus trata o pecado como problema de relacionamento, e procura a solução onde ela está: em Deus mesmo.

3. O exemplo de Isaías

Ele não saiu do templo com um plano de autoaperfeiçoamento. Saiu com os lábios tocados pela brasa do altar (Is 6.6-7). A iniciativa foi de Deus, e o resultado foi um profeta disponível.

Cartões de memorização

Frente	Verso
Santo (sentido básico) <i>Definição</i>	Separado daquilo que é impuro e consagrado ao que é puro.
Quantas vezes na Bíblia? <i>Frequência</i>	Cerca de novecentas ocorrências de santo, santidade e derivados.
Transcendência <i>Atributo</i>	Deus é separado de tudo o que criou, de outra ordem de ser (Êx 15.11).
Perfeição moral <i>Atributo</i>	A bondade sem falha do caráter de Deus (Dt 32.4; Is 5.16).
Ap 15.4 <i>Limite</i>	“Só tu és santo.” A perfeição absoluta pertence somente a Deus.
Quarta proposição de 1764 <i>Wesley</i>	A perfeição não é absoluta: não pertence ao homem, nem aos anjos, mas só a Deus.
Santidade comunicável <i>Chave</i>	Deus decide comunicar a sua santidade moral às criaturas (Lv 11.44).
	Deus não zomba das suas criaturas ordenando o impossível.

Frente	Verso
A ordem pressupõe possibilidade <i>Princípio</i>	
O esplêndido fracasso <i>Roberts</i>	Ensinar as pessoas a agirem melhor sem lhes dizer como ser melhores.
Santidade cristã <i>Síntese</i>	É sempre resposta ao que Deus é, nunca ponto de partida.

Avaliação

1. Por que um estudo bíblico sobre santificação deve começar por Deus, e não por nós?

1. Porque falar de Deus é mais reverente do que falar de comportamento.
2. Porque a conduta humana não tem importância na santificação.
3. Porque a nossa santidade é derivada da dele; começar por nós produz farisaísmo.
4. Porque a Bíblia proíbe o exame de consciência.

Resposta: (c) Exatamente. Somos chamados a ser santos porque ele é santo, e não temos santidade própria para oferecer.

2. O que a palavra santo significa, no sentido básico do vocabulário bíblico?

1. Perfeito e incapaz de qualquer erro.
2. Separado do que é impuro e consagrado ao que é puro.
3. Religioso, no sentido de dedicado a atividades da igreja.
4. Antigo e venerável.

Resposta: (b) Correto. É desse sentido básico que derivam tanto a santidade cerimonial quanto a moral.

3. Apocalipse 15.4 diz que só Deus é santo. Que consequência isso tem para a doutrina da perfeição cristã?

1. Que a perfeição cristã nunca significa santidade equivalente à de Deus.
2. Que a perfeição cristã é impossível e não deve ser pregada.
3. Que os anjos são santos no mesmo sentido que Deus.
4. Que a santidade humana é apenas aparente.

Resposta: (a) Isso mesmo. É a quarta proposição de Wesley em 1764: a perfeição não é absoluta.

4. O que a expressão santidade comunicável quer dizer?

1. Que a santidade se transmite por contato entre pessoas.
2. Que devemos comunicar a nossa santidade pregando.
3. Que Deus é santo de um modo que ninguém pode conhecer.
4. Que Deus decide partilhar com a criatura a sua santidade moral.

Resposta: (d) Correto. Por isso a ordem de Lv 11.44 é dada a quem pode recebê-la.

5. Segundo a aula, qual é o efeito prático de tratar o pecado como problema de desempenho?

1. A pessoa se torna humilde e dependente da graça.
2. A pessoa procura soluções de desempenho: mais disciplina, mais esforço, mais controle.
3. A pessoa deixa de se importar com a santidade.
4. A pessoa passa a depender exclusivamente da igreja.

Resposta: (b) Correto. Quem vê o pecado como problema de relacionamento procura a solução em Deus.

Para refletir

Quando você pensa em santidade, qual é a primeira imagem que lhe vem à mente? De onde veio essa imagem?

A maioria de nós herdou imagens de conduta (o que não se faz) ou de ambiente religioso (o que se faz no templo). A aula propõe substituí-las pela imagem que a Escritura oferece primeiro: a de Deus mesmo, transcendente e moralmente perfeito, que decide comunicar a sua santidade. Vale identificar de onde veio a sua imagem, porque quase sempre ela explica a sua expectativa a respeito do que Deus pode fazer em você.

Se alguém lhe disser que pregar santidade é legalismo, como você responderia com mansidão?

Reconhecendo o que há de verdadeiro na objeção: existe de fato uma pregação de santidade que é legalismo disfarçado, e Roberts a chamava de esplêndido fracasso, porque manda agir melhor sem dizer como ser melhor. Em seguida, mostrando a diferença: o legalismo começa pelo esforço humano; a santidade bíblica começa pelo que Deus é e pelo que ele promete fazer (Lv 11.44; Ez 36.27). São caminhos opostos, ainda que produzam palavras parecidas.

Para casa

Ler Isaías 6.1-8 e escrever meia página sobre o que muda na maneira de encarar o próprio pecado quando se começa pela visão da santidade de Deus. Trazer a resposta para a próxima aula.

Próxima aula: Aula 2 — A imagem quebrada e a promessa da restauração. Se fomos criados à imagem de Deus, por que a vida cristã é tão difícil? E o que exatamente Deus promete fazer no coração do seu povo?

A imagem quebrada e a promessa da restauração

“Porei dentro de vocês o meu Espírito e farei com que andem nos meus estatutos, guardem os meus juízos e os pratiquem.”

Ezequiel 36.27 · NAA

Leitura prévia: Gênesis 1.26-27; Gênesis 3.1-24; Deuteronômio 30.1-10; Ezequiel 36.24-32

Bispo Ildo Mello

Criados retos, deformados por escolha

Se fomos criados à imagem de Deus, por que a vida cristã é tão difícil? Esta aula trata do estrago, porque não dá para falar honestamente de restauração sem antes olhar com franqueza para o que foi quebrado.

“Deus fez o ser humano reto, mas ele se meteu em muitas astúcias.”Eclesiastes 7.29

O problema não está na criação; está na escolha. A imagem de Deus no ser humano nunca foi apagada: continuamos portadores de dignidade, de razão, de consciência moral e de capacidade de relacionamento. Mas ela foi deformada em sua dimensão moral. O espelho não se quebrou por completo; ficou torto, embaçado, rachado. Ainda reflete alguma coisa, mas reflete mal.

Aqui a tradição wesleyana costuma ser mal compreendida. Acusam-na de otimismo quanto ao ser humano, e não é isso. Wesley tinha uma doutrina do pecado original tão séria quanto a de qualquer reformador, e escreveu um tratado de mais de quinhentas páginas para defendê-la. O que ele tinha era confiança maior no poder da graça para curar o que o pecado feriu.

Uma frase de criança que explica o pecado

Um episódio doméstico explica o pecado melhor do que muitas definições.

Minha netinha estava brincando em cima de uma cadeira, o que é sempre um risco. O pai pediu que ela descesse. E ela respondeu, com toda a clareza de quem já entendeu tudo o que precisava entender: **“Não quero ser obediente, pois eu quero ser feliz.”**

1. O cálculo do Éden

Obediência e felicidade em campos opostos; Deus manda para limitar; quem obedece perde. É a mesma lógica de Gênesis 3, formulada com uma sinceridade que os adultos já perderam.

2. A raiz não é moral

O pecado, na sua raiz, é uma questão de confiança antes de ser uma questão de moral. É a suspeita de que Deus não quer o nosso bem.

3. Por que isso importa

Enquanto essa suspeita permanecer no coração, nenhuma quantidade de esforço moral produzirá santidade. Produzirá, no máximo, comportamento.

A ruptura do relacionamento

“Ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim.” A comunhão era o estado normal.

Gn 3.8

“Ouvi a tua voz no jardim, e tive medo... e me escondi.” O pecado produz medo, e o medo produz esconderijo.

Gn 3.10

“O Senhor Deus fez roupas de peles para Adão e sua esposa e os vestiu.” Deus busca e cobre a vergonha.

Gn 3.21

“As maldades de vocês fazem separação entre vocês e o seu Deus.”

Is 59.2

Paulo resume tudo em cinco palavras: “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Comentaristas divergem sobre o que ele tem exatamente em vista, mas há um pano de fundo que ajuda a sentir o peso da frase: no Antigo Testamento, a glória é a presença manifesta. Quando o tabernáculo ficou pronto, Moisés não podia entrar (Êx 40.34-35); quando o templo foi dedicado, os sacerdotes não podiam ministrar (1Rs 8.11).

A restauração da presença

Se o problema é separação, a solução tem de ser presença restaurada. E é exatamente isso que a Escritura narra, do começo ao fim.

1. **No Sinai:** “Andarei entre vocês e serei o seu Deus” (Lv 26.12).

- **Nos Evangelhos:** Jesus “designou doze para que estivessem com ele” (Mc 3.14), antes de enviá-los a pregar.
- **Nas cartas:** “Vocês não sabem que são santuário de Deus?” (1Co 3.16).
- **No Apocalipse:** “Eis o tabernáculo de Deus com os seres humanos” (Ap 21.3).

Este é o arco inteiro: presença perdida no Éden, presença restaurada em Cristo, presença consumada na nova criação. A santificação é o nome que damos ao processo pelo qual essa presença restaurada vai transformando a pessoa em quem ela habita.

Duas promessas que sustentam este curso

DEUTERONÔMIO 30.6

Deus circuncidará o coração

“O Senhor, seu Deus, circuncidará o coração de vocês... para que vocês amem o Senhor, seu Deus, de todo o coração e de toda a alma, para que vocês vivam.” Deus não se limita a mandar amar de todo o coração; promete agir no coração para torná-lo capaz desse amor.

Compare com a ordem de Dt 6.5

EZEQUIEL 36.27,29

Deus porá o seu Espírito

“Porei dentro de vocês o meu Espírito e farei com que andem nos meus estatutos.” E adiante: “Eu os livrarei de todas as suas impurezas.” Observe os verbos, todos na primeira pessoa: porei, farei, livrarei.

A nova aliança não é um contrato melhorado

Um pouco antes, Moisés registrou um desejo divino que soa quase como um suspiro: “Quem dera eles sempre tivessem tal coração, para me temerem e guardarem todos os meus mandamentos” (Dt 5.29). Ali não fala um legislador cobrando cumprimento, mas um Pai que deseja aquilo para os seus filhos.

Essas promessas são para esta vida ou para a vinda?

Alguém dirá: são promessas escatológicas, só cumpridas na ressurreição.

É uma leitura possível, e não a descarto de modo leviano. Há de fato uma dimensão dessas promessas que só se cumprirá plenamente na nova criação.

Mas há um problema com essa leitura exclusiva.

O Novo Testamento cita essas promessas como já cumpridas, ou em vias de cumprimento, na experiência cristã presente. “O amor de Deus foi derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5.5) descreve algo já acontecido com os cristãos de Roma. Pedro usa a linguagem da purificação do coração para o que aconteceu com os gentios (At 15.9). E Paulo aplica Ezequiel 36.27 à vida cristã presente em Rm 8.4.

Qual é, então, a posição deste curso?

Essas promessas têm um cumprimento real e substancial nesta vida, e um cumprimento consumado na vida por vir. Negar o primeiro é esvaziar a nova aliança; absolutizar o primeiro é prometer o que a Escritura não promete. A Aula 12 trata das fronteiras.

Quando alguém diz “eu sou assim mesmo, não tem jeito”, está fazendo uma afirmação teológica sem perceber: está dizendo que a Queda foi mais forte que a graça. E a resposta bíblica a isso não é otimismo psicológico. É apontar para os verbos de Ezequiel 36: porei, farei, livrarei. “O que é impossível para os seres humanos é possível para Deus” (Lc 18.27).

Cartões de memorização

Frente	Verso
Eclesiastes 7.29 <i>Texto-chave</i>	“Deus fez o ser humano reto, mas ele se meteu em muitas astúcias.”
A imagem foi apagada? <i>Doutrina</i>	Não. Foi deformada em sua dimensão moral. O espelho ficou torto, não destruído.
Confiança antes de moral <i>Raiz do pecado</i>	É a suspeita de que Deus não quer o nosso bem (Gn 3.1-5).
A frase da netinha <i>Ilustração</i>	“Não quero ser obediente, pois eu quero ser feliz.” O cálculo do Éden.
Medo e esconderijo <i>Consequência</i>	O pecado produz medo, e o medo produz esconderijo (Gn 3.10).
Gênesis 3.21 <i>Graça</i>	Deus busca o ser humano e cobre a sua vergonha com roupas de peles.
Presença <i>Arco bíblico</i>	Perdida no Éden, restaurada em Cristo, consumada na nova criação (Ap 21.3).
Deuteronômio 30.6 <i>Promessa</i>	Deus circuncidará o coração para que o povo o ame de todo o coração.
Ezequiel 36.27,29 <i>Promessa</i>	Porei o meu Espírito, farei que andem nos meus estatutos, livrarei de toda impureza.
Já e ainda não <i>Posição</i>	Cumprimento real e substancial nesta vida; cumprimento consumado na vida por vir.

Avaliação

1. Segundo a aula, o que aconteceu com a imagem de Deus no ser humano após a Queda?

1. Foi completamente apagada, restando apenas a capacidade de pecar.
2. Permaneceu intacta, e o pecado afeta apenas o comportamento exterior.
3. Foi deformada em sua dimensão moral, sem ser destruída.
4. Foi substituída por uma natureza inteiramente demoníaca.

Resposta: (c) Correto. O espelho ficou torto, embaçado e rachado: ainda reflete alguma coisa, mas reflete mal.

2. Qual é, segundo a aula, a raiz do pecado revelada pela frase da criança?

1. A ignorância a respeito dos mandamentos.
2. A suspeita de que Deus não quer o nosso bem, colocando obediência e felicidade em campos opostos.
3. A fraqueza física da natureza humana.
4. A ausência de exemplos morais na família.

Resposta: (b) Correto. É o mesmo cálculo que a serpente propôs no Éden, e é por isso que esforço moral sozinho não produz santidade.

3. O que a expressão carecem da glória de Deus (Rm 3.23) acrescenta, quando lida no pano de fundo do Antigo Testamento?

1. A ideia de ficar fora da presença manifesta de Deus, e não apenas abaixo de um padrão.
2. A ideia de perder a fama e a reputação diante dos outros.
3. A ideia de que ninguém jamais conheceu a Deus.
4. A ideia de que a glória de Deus foi diminuída pela Queda.

Resposta: (a) Correto. A glória, no Antigo Testamento, é a presença manifesta (Êx 40.34-35; 1Rs 8.11).

4. O que há de decisivo nos verbos de Ezequiel 36.27,29?

1. Estão no imperativo, ordenando ao povo que se purifique.
2. Estão no futuro condicional, dependendo do mérito do povo.
3. Estão na voz passiva, sem indicar quem age.
4. Estão na primeira pessoa: porei, farei, livrarei. É Deus quem assume a obra.

Resposta: (d) Correto. A nova aliança é aquela em que Deus assume a parte que nunca conseguimos cumprir.

5. Qual é a posição da aula sobre o cumprimento de Dt 30.6 e Ez 36.27?

1. Cumprem-se apenas na ressurreição, no estado final.
2. Têm cumprimento real e substancial nesta vida, e consumado na vida por vir.
3. Cumprem-se integralmente no momento da conversão, sem nada a buscar depois.
4. Referem-se apenas ao Israel étnico e não alcançam a igreja.

Resposta: (b) Correto. Negar o primeiro esvazia a nova aliança; absolutizá-lo promete o que a Escritura não promete.

Para refletir

Em que área da sua vida você tem dito, de alguma forma, “eu sou assim mesmo, não tem jeito”?

Vale identificar a área com nome e sobrenome, porque a frase costuma esconder uma afirmação teológica: a de que a Queda foi mais forte do que a graça. A resposta bíblica não é otimismo psicológico nem autoajuda, e sim os verbos de Ezequiel 36.27,29, em que Deus declara o que ele mesmo fará. O passo prático é transformar a queixa em oração, pedindo especificamente aquilo que Deus prometeu fazer.

Um amigo diz que a doutrina wesleyana é ingênua a respeito do pecado. Como você responderia?

Reconhecendo primeiro que a acusação faz sentido à primeira vista, porque falamos muito de vitória. Em seguida, mostrando os fatos: Wesley escreveu um tratado de mais de quinhentas páginas defendendo a doutrina do pecado original contra John Taylor, e a aula descreve o estrago da Queda sem suavizá-lo. A diferença entre as tradições não está na avaliação do pecado, e sim na expectativa quanto ao alcance da graça nesta vida.

Para casa

Ler Deuteronômio 30.1-10 e Ezequiel 36.24-32 sublinhando todos os verbos cujo sujeito é Deus. Escrever a lista e trazê-la para a próxima aula.

Próxima aula: Aula 3 — “Sejam santos, porque eu sou santo”. O chamado à santidade nos dois Testamentos, e por que ele nunca foi vocação para alguns poucos.

Sejam santos, porque eu sou santo

“Mas, assim como é santo aquele que os chamou, tornem-se santos também vocês mesmos em todo o procedimento de vocês.”

1 Pedro 1.15 · NAA

Leitura prévia: Levítico 19.1-18; Salmo 15; 1 Pedro 1.13-21; Tito 2.11-14

Bispo Ildo Mello

Duas dimensões que não se confundem

A legislação do Antigo Testamento trabalha com duas dimensões da santidade, e é preciso distinguí-las para não fazer confusão.

DIMENSÃO 1

Santidade externa ou cerimonial

Separação ritual: pessoas, objetos, tempos e lugares postos à parte para o serviço de Deus. A consagração dos sacerdotes (Êx 29.21) e o voto de nazireu, cuja palavra significa separado (Nm 6.1-5). Nada disso tem a ver com moralidade: um nazireu não era mais honesto por não cortar o cabelo.

Êx 29.21; Nm 6.1-5

DIMENSÃO 2

Santidade interna ou moral

O chamado a cultivar em si o próprio caráter de Deus. O contexto de Levítico 19 não é ritual: ali estão os mandamentos sobre honrar os pais, não roubar, não mentir, não explorar o trabalhador, não ser parcial no julgamento e amar o próximo.

Lv 19.2,9-18

O Salmo 15 formula a mesma exigência em forma de pergunta litúrgica: “Senhor, quem habitará no teu tabernáculo?” A resposta não fala de sacrifícios, mas de conduta. E o Salmo 24 acrescenta a imagem que ficou clássica: “aquele que tem mãos limpas e coração puro” (Sl 24.4). Conduta e caráter. A Bíblia nunca separa as duas coisas.

A mesma ordem, com alcance ampliado

“Assim como é santo aquele que os chamou, tornem-se santos também vocês mesmos em todo o procedimento de vocês, porque está escrito: Sejam santos, porque eu sou santo.” 1 Pedro 1.15-16

Repare no que Pedro faz. Ele escreve a cristãos gentios, na Ásia Menor, décadas depois da cruz. Poderia ter dito que a ordem de Levítico era típica, provisória, superada. Não disse. Aplicou-a diretamente, e ampliou o alcance: **em todo o procedimento de vocês**. Não uma área da vida; todas.

“Sem a santificação ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14) não é salvação por obras?

O texto não diz que a santificação nos torna dignos de ver a Deus; diz que sem ela não o veremos. É uma afirmação sobre capacidade, e não sobre mérito. Assim como olhos doentes não suportam a luz forte, um coração não santificado não suporta a presença de Deus. Jesus diz a mesma coisa pelo lado positivo: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5.8).

A vontade de Deus já foi declarada

“Pois esta é a vontade de Deus: a santificação de vocês.”¹ *Tessalonicenses 4.3*

Quantos cristãos passam anos perguntando qual é a vontade de Deus para a sua vida, que profissão seguir, com quem casar, para onde se mudar, sem nunca reparar que a Escritura já respondeu a essa pergunta no nível que mais importa.

E Paulo continua, descendo imediatamente ao concreto: “que vocês se abstenham da imoralidade sexual; que cada um de vocês saiba possuir o próprio corpo em santidade e honra” (1Ts 4.3-4). A santidade bíblica nunca fica no abstrato.

A finalidade da graça, em três versículos

“Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todas as pessoas. Ela nos educa para que, renunciando à impiedade e às paixões mundanas, vivamos no presente século de modo sensato, justo e piedoso... Cristo deu a si mesmo por nós, a fim de nos remir de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu.”*Tito 2.11-14*

1. A graça salva

“Manifestou-se salvadora”. Este é o evangelho, e nada do que vem depois o substitui.

2. A graça educa

O verbo grego é o que se usa para a formação disciplinada de uma criança. A graça não apenas perdoa; ela forma. E o alvo é uma vida sensata, justa e piedosa neste século presente, não apenas no futuro.

3. A cruz tem dupla finalidade

Remir de toda iniquidade e purificar um povo. Cristo não morreu apenas para perdoar um povo; morreu para purificar um povo. Se a cruz tivesse apenas o primeiro objetivo, teríamos uma igreja de perdoados que continuam iguais.

Santidade é vocação para alguns?

Ouçõ com frequência que a santidade seria uma vocação para monges, missionários e pastores dedicados, e não a expectativa normal para o cristão comum.

Essa ideia não vem da Bíblia. Vem da história da igreja, especialmente do desenvolvimento medieval de dois níveis de vida cristã, um para os religiosos e outro para os leigos. Wesley combateu isso a vida inteira, e Roberts também.

“Chamados para serem santos”, escrito a toda a igreja de Roma.

Rm 1.7

“Sejam santos em todo o procedimento”, a comunidades de cinco províncias.

1Pe 1.15

“Sejam vocês perfeitos”, dito à multidão no monte, e não a um grupo seletivo.

Mt 5.48

“Esta é a vontade de Deus: a santificação de vocês.”

1Ts 4.3

A santidade é o chamado batismal de todo cristão. Quando a tratamos como especialização, esvaziamos o próprio conceito de discipulado.

Cartões de memorização

Frente	Verso
Santidade cerimonial <i>AT</i>	Separação ritual de pessoas, objetos, tempos e lugares para o serviço de Deus.
Santidade moral <i>AT</i>	O chamado a cultivar em si o próprio caráter de Deus (Lv 19.2).
Nazireu <i>Etimologia</i>	Significa separado. Voto de consagração descrito em Nm 6.1-5.
Mãos limpas e coração puro <i>Salmo</i>	Sl 24.4. Conduta e caráter, que a Bíblia nunca separa.
1 Pedro 1.15-16 <i>Chave</i>	Pedro cita Levítico e amplia: santos em todo o procedimento.
Hebreus 12.14 <i>Objeção</i>	Sem santificação ninguém verá o Senhor. Afirmação sobre capacidade, não sobre mérito.

Frente	Verso
1 Tessalonicenses 4.3 <i>Prioridade</i>	“Esta é a vontade de Deus: a santificação de vocês.”
A graça educa <i>Tito 2.11-12</i>	O verbo grego é o da formação disciplinada de uma criança.
Dupla finalidade da cruz <i>Tito 2.14</i>	Remir de toda iniquidade e purificar um povo exclusivamente seu.
Dois níveis de vida cristã <i>Erro histórico</i>	Herança medieval que reserva a santidade a religiosos profissionais.

Avaliação

1. Qual é a diferença entre santidade cerimonial e santidade moral no Antigo Testamento?

1. A primeira é separação ritual; a segunda é o cultivo do caráter de Deus na conduta.
2. A primeira valia para os sacerdotes; a segunda, apenas para os profetas.
3. A primeira foi abolida; a segunda foi criada no Novo Testamento.
4. Não há diferença real entre elas.

Resposta: (a) Correto. Um nazireu não era mais honesto por não cortar o cabelo: era separado, e a separação era visível.

2. O que há de notável no modo como Pedro cita Levítico em 1 Pedro 1.15-16?

1. Ele corrige o texto de Levítico para adaptá-lo aos gentios.
2. Ele apresenta a ordem como cumprida apenas em Cristo, sem exigência para nós.
3. Ele restringe a ordem ao culto público.
4. Ele aplica a ordem diretamente a cristãos gentios e amplia o alcance para toda a vida.

Resposta: (d) Correto. Poderia ter dito que a ordem era típica e superada. Não disse.

3. Como entender Hebreus 12.14 sem cair em salvação por obras?

1. Entendendo que a santificação é o preço que pagamos para ver a Deus.
2. Entendendo que o versículo se refere apenas aos líderes da igreja.
3. Entendendo que é uma afirmação sobre capacidade: sem santidade não suportaríamos a presença de Deus.
4. Entendendo que o texto é uma hipérbole sem aplicação prática.

Resposta: (c) Correto. Jesus diz o mesmo pelo lado positivo em Mt 5.8: os limpos de coração verão a Deus.

4. Segundo Tito 2.11-14, qual é a dupla finalidade da morte de Cristo?

1. Perdoar os pecados e garantir prosperidade material.
2. Remir de toda iniquidade e purificar um povo exclusivamente seu.
3. Revelar a lei e condenar o mundo.
4. Formar líderes religiosos e organizar a igreja.

Resposta: (b) Correto. Se a cruz tivesse apenas o primeiro objetivo, teríamos uma igreja de perdoados que continuam iguais.

5. De onde vem a ideia de que a santidade é vocação apenas para alguns?

1. Do próprio Novo Testamento, que distingue cristãos comuns e cristãos avançados.
2. Do Antigo Testamento, que reservava a santidade aos sacerdotes.
3. Da história da igreja, sobretudo do desenvolvimento medieval de dois níveis de vida cristã.
4. Da Reforma Protestante, que criou a distinção entre clero e leigos.

Resposta: (c) Correto. Wesley e Roberts combateram essa divisão a vida inteira.

Para refletir

Se a santificação é a vontade declarada de Deus para você, quanto do seu tempo de oração é dedicado a pedir isso?

A pergunta costuma produzir silêncio nas classes, e por bom motivo. Oramos por saúde, trabalho, família e direção, todas coisas legítimas. Mas as orações de Paulo registradas nas cartas são quase todas por transformação interior: que o amor cresça, que o coração seja confirmado em santidade, que sejam cheios de toda a plenitude de Deus (1Ts 3.12-13; Ef 3.19). Talvez o primeiro passo prático deste curso seja simples assim: começar a pedir o que Deus já disse que quer dar.

Como você responderia a alguém que diz: “santidade é coisa de pastor, eu sou só um crente comum”?

Com gentileza, mostrando a quem os textos foram endereçados. “Chamados para serem santos” foi escrito à igreja de Roma inteira (Rm 1.7). “Sejam santos em todo o procedimento” foi escrito a comunidades de cinco províncias (1Pe 1.15). “Sejam vocês perfeitos” foi dito à multidão no monte (Mt 5.48). E vale acrescentar a origem histórica do engano: a divisão medieval entre dois níveis de vida cristã, que a Reforma e o metodismo rejeitaram.

Para casa

Ler Levítico 19.1-18 e listar quantos mandamentos ali são de conduta social, e não de ritual. Depois ler o Salmo 15 e comparar as duas listas.

Próxima aula: Aula 4 — Santidade relacional, posicional e prática. Três distinções que evitam boa parte das confusões sobre o assunto, e que explicam por que Paulo chama de santos pessoas que ele repreende.

Aula 3 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br

Santidade relacional, posicional e prática

“À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos.”

1 Coríntios 1.2 · NAA

Leitura prévia: 1 Coríntios 1.1-9; 1 Coríntios 6.9-11; Colossenses 3.1-14; João 15.1-11

Bispo Ildo Mello

A santidade é relacional

A santidade bíblica não é uma substância, uma quantidade ou uma propriedade que se possui. É um relacionamento no qual se entra.

“Tudo o que tocar o altar será santo.” Êxodo 29.37

O que tornava um objeto santo não era a sua composição, mas o seu contato com o que era santo. Isso muda a pergunta que fazemos. A pergunta correta não é “quanta santidade eu tenho?”, como se fosse um saldo. É “como está o meu relacionamento com Deus?” Uma pessoa é santa por permanecer em Deus, e não por acumular virtudes.

1. A videira

“Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês. Assim como o ramo não pode produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira” (Jo 15.4).

2. A relação precisa ser mantida

A santidade não é um depósito que fica no cofre. É uma das razões pelas quais a tradição arminiano-wesleyana não aceita a fórmula “uma vez salvo, salvo para sempre”.

3. Roberts foi direto

Sendo a santidade um estado voluntário, ela pode ser perdida. E acrescentou, com precisão pastoral: “Não precisa; não deve; mas pode.”

Posicional e prática

Esta distinção resolve uma aparente contradição do Novo Testamento. Paulo chama os coríntios de santificados em Cristo (1Co 1.2) e poucos capítulos depois os repreende por brigas, processos entre irmãos, tolerância com imoralidade e desordem na Ceia.

SENTIDO 1

Santidade posicional

Um status diante de Deus, conferido em Cristo. Neste sentido, todo cristão é santo desde o momento em que crê. “Cristo Jesus se tornou para nós, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção.”

1Co 1.30

SENTIDO 2

Santidade prática

A conformidade real da vida com aquele status. “E é o que alguns de vocês eram; mas vocês foram lavados, vocês foram santificados, vocês foram justificados.” É a ela que Paulo se refere ao exortar.

1Co 6.9-11

Toda a ética do Novo Testamento vive dessa tensão, e o padrão apostólico de exortação é sempre o mesmo: **torne-se o que você já é**. “Já que vocês ressuscitaram com Cristo, busquem as coisas que são do alto” (Cl 3.1). “Vocês morreram... façam morrer, pois, tudo o que em vocês é terreno” (Cl 3.3,5). Paulo nunca diz “vocês são pecadores, tentem melhorar”. Diz “vocês são santos, comportem-se como tais”.

Quando a santidade vira apenas um rótulo

Aqui está uma das críticas mais importantes que Wesley e Roberts fizeram à teologia do seu tempo, e que continua pertinente.

Quando a santidade é reduzida ao seu aspecto posicional, quando santo significa apenas declarado santo, sem qualquer expectativa de mudança real, a doutrina da santificação se dissolve na doutrina da justificação. Passa a ser apenas outro nome para o mesmo evento. E o resultado prático é o conformismo.

O que Wesley observava

Ele reconhecia nos batistas do seu tempo a coerência de exigirem arrependimento para a conversão, mas não entendia por que deixavam de exigir arrependimento e santidade depois dela. Se o pecado é sério antes da conversão, por que deixaria de ser sério depois?

O que Roberts atacava

A doutrina que reduz a santificação a uma mudança de relação, separado para fins santos, sem qualquer mudança de caráter. E se a santificação é apenas uma nova etiqueta, não há mais nada a buscar, nada a pedir, nada a esperar.

Sendo justo com o outro lado

A preocupação de quem enfatiza a santidade posicional é legítima e precisa ser dita com força: você não é aceito por Deus na medida da sua santidade; você é aceito em Cristo. Sem isso caímos no legalismo. A objeção não é à afirmação, e sim à sua absolutização, quando ela passa a excluir a expectativa de transformação real.

Santidade é mais do que uma lista de proibições

Santidade significa mais do que fazer certas coisas boas e não fazer certas coisas más. Significa ser totalmente dedicado a Deus e separado de tudo o que é pecaminoso.

1. A diferença não é sutil

Uma pessoa pode cumprir uma lista de proibições inteira e permanecer com o coração longe de Deus. Jesus disse isso com clareza aos fariseus (Mt 23.25-28).

2. E o inverso também vale

Uma pessoa inteiramente dedicada a Deus vai naturalmente evitar o que desagrada a Deus, sem precisar de uma lista.

3. Santidade defeituosa

Roberts chamava assim a santidade adulterada, que carece de elementos essenciais. A carga não se move porque muito do vapor se perde; o remédio não cura porque foi combinado com substâncias neutralizantes; o ouro não circula porque foi misturado com liga demais.

As três dimensões precisam andar juntas

1. **Relacional:** deriva da comunhão com o Deus santo, e essa comunhão precisa ser mantida.
- **Posicional:** todo cristão é declarado santo em Cristo desde que crê, e isso não depende do seu desempenho.
- **Prática:** precisa tornar-se real no caráter e na conduta, e é isso que o Novo Testamento espera e ordena.

Uma teologia que fica só no relacional vira misticismo. Uma que fica só no posicional vira conformismo. Uma que fica só no prático vira legalismo. A ordem importa: o relacionamento gera a posição, e a posição produz a prática.

Uma última observação, dirigida a quem ensina. Quando pregamos santidade, é fácil escorregar para a dimensão prática isolada, porque é a mais visível e a mais fácil de medir. Mas se começarmos por aí, produziremos ansiedade ou hipocrisia, as duas doenças clássicas da pregação moralista. Wesley respondeu à pergunta sobre como pregar a santificação assim: “Quase nada aos que não avançam; aos que avançam, sempre em forma de promessa; sempre atraindo, mais do que empurrando.”

Cartões de memorização

Frente	Verso
Santidade relacional <i>Dimensão</i>	Deriva do contato com o Deus santo. “Tudo o que tocar o altar será santo” (Êx 29.37).
Santidade posicional <i>Dimensão</i>	Status diante de Deus conferido em Cristo. Todo cristão é santo desde que crê (1Co 1.2,30).
Santidade prática <i>Dimensão</i>	A conformidade real da vida com aquele status (1Co 6.9-11).
Torne-se o que você já é <i>Padrão apostólico</i>	Indicativo antes do imperativo, como em Cl 3.1,3,5.
Pode ser perdida? <i>Roberts</i>	“Não precisa; não deve; mas pode.” A santidade é estado voluntário.
Incoerência que ele notava <i>Wesley</i>	Exigir arrependimento para a conversão e não exigi-lo depois dela.
Santidade defeituosa <i>Roberts</i>	Verdadeira, mas adulterada: como o ouro misturado com liga demais.
Só relacional <i>Alerta</i>	Vira misticismo.
Só posicional / só prática <i>Alerta</i>	Posicional isolado vira conformismo; prático isolado vira legalismo.
Como pregar santificação <i>Wesley</i>	“Sempre em forma de promessa; sempre atraindo, mais do que empurrando.”

Avaliação

1. Por que Paulo pode chamar os coríntios de santificados e, poucos capítulos depois, repreendê-los duramente?

1. Porque mudou de opinião ao longo da carta.
2. Porque estava se dirigindo a dois grupos diferentes dentro da igreja.
3. Porque usa a linguagem da santidade em dois sentidos: posicional e prático.
4. Porque a repreensão era irônica.

Resposta: (c) Correto. Posicionalmente são santos em Cristo; praticamente ainda precisam tornar-se o que já são.

2. O que significa dizer que a santidade é relacional?

1. Que ela deriva da comunhão com o Deus santo e depende da permanência nessa comunhão.
2. Que ela depende do bom relacionamento com os irmãos da igreja.
3. Que ela é uma quantidade que se acumula com o tempo.
4. Que ela varia conforme a cultura de cada comunidade.

Resposta: (a) Correto. “Tudo o que tocar o altar será santo” (Êx 29.37); “permaneçam em mim” (Jo 15.4).

3. Qual é o risco de reduzir a santidade ao seu aspecto posicional?

1. Produzir legalismo e ansiedade.
2. Produzir misticismo desligado da vida.
3. Produzir divisão entre clero e leigos.
4. Dissolver a santificação na justificação e produzir conformismo.

Resposta: (d) Correto. Se santo significa apenas declarado santo, não há mais nada a buscar, pedir ou esperar.

4. O que Roberts queria dizer com a expressão santidade defeituosa?

1. Uma santidade fingida, professada por quem nunca se converteu.
2. Uma santidade verdadeira, porém adulterada, à qual faltam elementos essenciais.
3. Uma santidade que despreza o corpo e a criação.
4. Uma santidade alcançada apenas no fim da vida.

Resposta: (b) Correto. As imagens dele: o vapor que se perde, o remédio neutralizado, o ouro misturado com liga.

5. Segundo Wesley, como se deve pregar a santificação?

1. Com forte pressão sobre os que ainda não avançam, para despertá-los.
2. Aos que avançam, sempre em forma de promessa, atraindo mais do que empurrando.
3. Apenas em classes fechadas, para quem já professa a experiência.
4. Evitando o assunto, por causa dos abusos.

Resposta: (b) Correto. É um bom resumo de como ensinar esta doutrina sem machucar as pessoas.

Para refletir

Qual das três dimensões da santidade está mais fraca na sua vida hoje: a relacional, a posicional ou a prática?

O diagnóstico costuma vir por sintomas. Fraqueza na relacional aparece como oração rareada e leitura bíblica mecânica. Fraqueza na posicional aparece como insegurança quanto à aceitação por Deus, e a pessoa tenta merecer o que já lhe foi dado. Fraqueza na prática aparece como distância entre o que se professa e o que se vive. O remédio muda conforme o caso, e por isso a distinção importa: quem sofre da segunda não precisa de mais exortação, e sim do evangelho outra vez.

Você conhece alguém que confunde santidade com uma lista de proibições? Como conversaria com essa pessoa sem feri-la?

Começando por reconhecer o que há de bom na atitude dela: existe zelo, e zelo é melhor do que indiferença. Depois, mostrando por onde Jesus começa: “Limpam o exterior... mas por dentro estão cheios” (Mt 23.25). E, por fim, oferecendo o critério positivo que substitui a lista: isto contribui para que a imagem de Cristo se forme em mim, ou a obscurece? A pergunta é mais exigente do que a lista, e não menos, o que costuma desarmar a suspeita de que se esteja afrouxando o padrão.

Para casa

Ler Colossenses 3.1-14 marcando com cores diferentes os indicativos (o que já é verdade sobre você) e os imperativos (o que você deve fazer). Observar qual vem primeiro em cada parágrafo.

Próxima aula: Aula 5 — “Sejam perfeitos”: o que Jesus quis dizer. A palavra grega, o contexto decisivo de Mateus 5 e uma conversa que tive na mocidade sobre o Pai Nosso.

Aula 4 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br

“Sejam perfeitos”: o que Jesus quis dizer

“Portanto, sejam vocês perfeitos como perfeito é o Pai de vocês, que está no céu.”

Mateus 5.48 · NAA

Leitura prévia: Mateus 5.43-48; Lucas 6.32-36; Mateus 6.9-15; Mateus 18.21-35

Bispo Ildo Mello

O próprio Jesus nos chama à perfeição

“Portanto, sejam vocês perfeitos como perfeito é o Pai de vocês, que está no céu.” Mateus 5.48

Jesus não apresenta a santidade como opção destinada a alguns cristãos excepcionais. Ele a coloca diante de todos os seus discípulos, no meio do Sermão do Monte, dirigido às multidões.

E é justamente por isso que o versículo incomoda tanto. Se fosse dirigido a uma elite espiritual, poderíamos deixá-lo de lado com boa consciência. Como é dirigido a todos, precisamos decidir o que ele significa.

O que *teleios* significa no Novo Testamento

A palavra grega *teleios* é usada para aquilo que alcançou o seu propósito, que está completo ou que chegou à maturidade. Ela tem parentesco com *telos*, fim ou alvo, mas o que decide o seu sentido não é a etimologia, e sim o uso.

Paulo a emprega para o cristão maduro em contraste com a criança.

1Co 14.20; Ef 4.13

Hebreus a usa para os que já passaram do leite ao alimento sólido.

Hb 5.14

Tiago, para quem chegou à integridade pela perseverança.

Tg 1.4

Paulo, para o alvo do ministério: apresentar todos perfeitos em Cristo.

Cl 1.28

Vale registrar o que a palavra não significa. Ela não significa “sem defeito algum” no sentido matemático, nem “impecável” no sentido de infalível. Um instrumento é *teleios* quando cumpre a sua função; uma pessoa é *teleios* quando alcançou a maturidade correspondente à sua condição.

Roberts usou uma imagem agrícola que ilustra bem: a planta de milho é perfeita em cada fase do seu desenvolvimento. O broto é um broto perfeito; a espiga madura é uma espiga perfeita. A perfeição, aqui, é adequação ao estágio e à finalidade, não ausência de crescimento. Isso resolve boa parte das objeções antes que sejam formuladas: quando alguém diz “ninguém é perfeito”, está usando a palavra num sentido que não é o do Novo Testamento.

O contexto de Mateus 5 é decisivo

Mateus 5.48 não aparece isolado. É a conclusão de um parágrafo inteiro sobre uma coisa específica: amar os inimigos.

“Amem os seus inimigos e orem pelos que os perseguem, para que vocês sejam filhos do Pai de vocês, que está nos céus, porque ele faz o seu sol nascer sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos... Portanto, sejam vocês perfeitos.” *Mateus 5.44-48*

1. O portanto liga tudo

Em que sentido devemos ser perfeitos como o Pai? No sentido em que o parágrafo acaba de descrever: amando sem parcialidade, como o Pai ama.

2. A perfeição do Pai, aqui

Deus não faz o sol nascer apenas sobre os bons. Não envia chuva apenas para os justos. É a perfeição de um amor que não faz acepção de pessoas.

3. A conclusão

A perfeição de que Jesus fala não é onisciência, infalibilidade ou incapacidade de errar. É a perfeição do amor. Ser perfeito como o Pai significa possuir um coração governado pelo amor.

Uma pergunta que me fizeram na mocidade

Tudo isso soa abstrato até que alguém coloque a exigência no lugar onde ela dói. Comigo isso aconteceu ainda jovem, e a lembrança nunca me largou.

Um dos rapazes do grupo me puxou de lado e perguntou se eu costumava orar o Pai Nosso. Respondi que sim, evidentemente. Ele então precisou a pergunta, e foi aí que ela deixou de ser estranha:

“Até aquela parte que diz perdoa as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores?”

Confessou que aquela petição ele pulava. Não conseguia orá-la. Não se achava perfeito o bastante em perdoar, e tinha medo de estar pedindo a Deus que o perdoasse exatamente na medida em que ele perdoava os outros.

O escrúpulo dele era sério.

Aquele rapaz havia lido a oração com mais atenção do que a maioria de nós. A petição diz “perdoa as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6.12), e em Lucas o paralelo é ainda mais direto (Lc 11.4). Recitamos isso sem ouvir o que estamos dizendo. Ele ouviu, e se assustou. O susto era saudável; o remédio que ele escolheu é que estava errado.

O que respondi, e continuo respondendo.

Deixar de pedir não anula a exigência. Silenciar a petição não retira do evangelho o que ele nos manda ser. Deus não requer misericórdia de nós porque a pedimos na oração; requer porque é assim que ele é, e porque nos fez seus filhos. Quem cala aquela linha continua debaixo dela.

Jesus não deixou a petição sozinha.

Terminado o Pai Nosso, entre tudo o que poderia comentar, foi justamente esta linha que ele voltou a explicar: “Porque, se vocês perdoarem às outras pessoas as ofensas delas, o Pai celestial também perdoará vocês. Mas, se vocês não perdoarem... também o Pai de vocês não perdoará as ofensas de vocês” (Mt 6.14-15). Nenhuma outra parte da oração recebeu esse tratamento.

A parábola do servo implacável.

Um servo devia dez mil talentos, dívida impagável, e foi inteiramente perdoado. Saindo dali, encontrou um companheiro que lhe devia cem denários e o mandou para a prisão. O senhor revogou o perdão concedido, e Jesus encerra sem suavizar: “Assim também o meu Pai celestial procederá com vocês, se do fundo do coração cada um de vocês não perdoar o seu irmão” (Mt 18.35).

O que a parábola ensina, e o que não ensina.

Ela não ensina que compramos o perdão de Deus perdoando primeiro: a dívida foi cancelada por pura misericórdia, antes de qualquer mérito, e é essa gratuidade que torna o comportamento posterior do servo tão monstruoso. Mas ensina que a misericórdia recebida e não repassada é uma misericórdia que se pode perder. O perdão foi dado, e depois foi retirado.

Os filhos da misericórdia de Deus não têm o direito de não serem misericordiosos. Recebemos gratuitamente aquilo que nunca poderíamos pagar, e a única resposta coerente é tratar os outros com a moeda com que fomos tratados (Ef 4.32; Cl 3.13; Tg 2.13).

Falta a parte que só entendi bem mais tarde. Aquele rapaz tinha razão em uma coisa: ele realmente não era capaz de perdoar como Deus perdoa. Nem eu era. O erro dele foi supor que a saída fosse baixar a exigência calando a oração.

Quando a Escritura ordena aquilo que não conseguimos, ela normalmente promete aquilo que ordena. Deus manda amar de todo o coração e promete circuncidar o coração para que possamos amá-lo assim (Dt 30.6). Manda andar nos seus estatutos e promete pôr o seu Espírito dentro de nós (Ez 36.27). A petição que ele evitava era exatamente a que ele mais precisava orar.

Duas objeções sérias

Mateus 5.48 seria hipérbole semítica, sem expectativa real de cumprimento.

A objeção tem força. Mas note a diferença: Jesus nunca esperou que alguém literalmente arrancasse o olho, e nenhum apóstolo repetiu aquela ordem como expectativa. Já a ordem de amar plenamente é repetida, ampliada e transformada em oração pelos apóstolos, que pedem a Deus que a realize nos crentes (1Ts 5.23; Ef 3.19; 1Ts 3.12-13). Não se ora pedindo o cumprimento de uma hipérbole.

Lucas escreve “sejam misericordiosos”, o que reduziria a perfeição a misericórdia.

Essa observação, longe de enfraquecer a leitura wesleyana, a confirma. É exatamente o que estamos dizendo: a perfeição em questão é perfeição de amor, e Lucas explicita o que Mateus formula de modo mais geral (Lc 6.36). A questão que permanece é se essa misericórdia semelhante à do Pai é algo que Deus quer e pode produzir no crente.

Onde isso nos deixa

Mateus 5.48 estabelece um alvo real, e o alvo é a perfeição do amor. Não é perfeição de conhecimento, nem de juízo, nem de execução. É o coração inteiramente governado pelo amor a Deus e ao próximo.

“A perfeição que Deus requer é perfeição de amor. Em muitas coisas somos necessariamente imperfeitos, e sempre seremos; mas, pela graça de Deus, podemos tornar-nos perfeitos no amor.” *B. T. Roberts, Ensinos de Santidade, cap. 32*

E a frase que desarma a objeção da limitação humana: “Eu posso amar a Deus de todo o meu coração; um anjo não pode amá-lo mais do que de todo o seu coração.” Está aí a diferença entre quantidade e inteireza. O anjo tem mais capacidade do que eu, mais entendimento, mais força, mais alcance. Mas ele não pode dar mais do que tudo, e eu também posso dar tudo. A perfeição cristã não é ter a capacidade de um anjo; é entregar inteiramente a capacidade que tenho.

Cartões de memorização

Frente	Verso
teleios <i>Grego</i>	Aquilo que alcançou o propósito, está completo ou chegou à maturidade.
O que teleios não é <i>Cuidado</i>	Não é impecabilidade nem ausência matemática de defeito.
A planta de milho <i>Roberts</i>	É perfeita em cada fase: o broto é broto perfeito; a espiga, espiga perfeita.
O contexto de Mt 5.48 <i>Chave</i>	É a conclusão do parágrafo sobre amar os inimigos (Mt 5.43-47).
Perfeição do Pai <i>Definição</i>	Amor sem parcialidade: sol sobre maus e bons, chuva sobre justos e injustos.
A pergunta na mocidade <i>Ilustração</i>	“Você ora até a parte que diz perdoa assim como perdoamos?”
Calar a petição não anula a exigência <i>Princípio</i>	Deus requer misericórdia porque é assim que ele é, e nos fez seus filhos.
O servo implacável <i>Mt 18.23-35</i>	O perdão foi dado e depois revogado. Misericórdia recebida e não repassada pode ser perdida.
Ordem e promessa <i>Regra de ouro do curso</i>	Quando a Escritura ordena o que não conseguimos, ela promete aquilo que ordena.
Quantidade x inteireza <i>Roberts</i>	“Um anjo não pode amá-lo mais do que de todo o seu coração.”

Avaliação

1. Por que o contexto de Mateus 5.43-47 é decisivo para interpretar o versículo 48?

1. Porque mostra que a ordem se dirige apenas aos apóstolos.
2. Porque o portanto liga a ordem a um parágrafo inteiro sobre amar os inimigos.
3. Porque prova que a perfeição é apenas escatológica.
4. Porque indica que Jesus falava de perfeição no conhecimento da Lei.

Resposta: (b) Correto. A perfeição em questão é a de um amor que não faz acepção de pessoas, como o do Pai.

2. Qual das alternativas descreve corretamente o sentido de teleios no Novo Testamento?

1. Ausência absoluta de qualquer falha ou limitação.
2. Estado alcançado somente após a morte.
3. Capacidade sobrenatural de julgar sem erro.
4. Aquilo que alcançou o seu propósito, está completo ou chegou à maturidade.

Resposta: (d) Correto, e o uso confirma: 1Co 14.20; Ef 4.13; Hb 5.14; Tg 1.4.

3. Qual foi o erro do rapaz que evitava orar a quinta petição do Pai Nosso?

1. Ele exagerou a gravidade do perdão, que é assunto secundário no evangelho.
2. Ele deveria simplesmente orar sem pensar no significado.
3. Ele supôs que calar a petição diminuiria a exigência, quando a saída é pedir um coração capaz de cumpri-la.
4. Ele confundiu perdão com esquecimento.

Resposta: (c) Correto. Quando a Escritura ordena o que não conseguimos, ela promete aquilo que ordena (Dt 30.6; Ez 36.27).

4. O que a parábola de Mateus 18.23-35 ensina sobre o perdão?

1. Que a misericórdia recebida e não repassada pode ser perdida.
2. Que compramos o perdão de Deus perdoando primeiro os outros.
3. Que dívidas financeiras devem sempre ser perdoadas.
4. Que o perdão de Deus é irrevogável em qualquer circunstância.

Resposta: (a) Correto. O perdão foi concedido por pura graça e depois revogado diante da falta de misericórdia.

5. Como Roberts responde à objeção de que a criatura humana é limitada demais para ser perfeita no amor?

1. Afirmando que a perfeição só é possível aos anjos.
2. Afirmando que um anjo não pode amar a Deus mais do que de todo o coração, e que também podemos dar tudo.
3. Afirmando que a limitação humana desaparece na inteira santificação.
4. Afirmando que a objeção é irrelevante.

Resposta: (b) Correto. É a diferença entre quantidade e inteireza: a perfeição cristã é entregar inteiramente a capacidade que se tem.

Para refletir

Existe alguma petição do Pai Nosso que você reza sem querer, no fundo, que ela se cumpra?

A pergunta é incômoda de propósito. A quinta petição é a candidata mais frequente, porque é a única que estabelece uma medida, e a medida somos nós. Mas há outras: quem carrega ambição desmedida hesita diante de “venha o teu Reino”; quem controla tudo hesita diante de “seja feita a tua vontade”. O caminho não é calar a petição, e sim orá-la pedindo a Deus o coração que ela pressupõe.

Alguém lhe diz que Mateus 5.48 é apenas um ideal inatingível, dado para nos humilhar. Como responder?

Reconhecendo que a leitura tem tradição respeitável e que há hipérboles no Sermão do Monte, como a do olho que escandaliza. Em seguida, mostrando a diferença decisiva: nenhum apóstolo repetiu a ordem de arrancar o olho como expectativa, mas todos repetiram, ampliaram e transformaram em oração a ordem de amar plenamente (1Ts 5.23; Ef 3.19; 1Ts 3.12-13). Não se ora pedindo a Deus o cumprimento de uma hipérbole.

Para casa

Orar o Pai Nosso devagar, uma petição por dia, durante uma semana, anotando o que cada uma pede de você. Trazer as anotações da quinta petição para a próxima aula.

Próxima aula: Aula 6 — O coração indiviso. O grande mandamento como definição de perfeição, e a objeção mais forte que existe contra esta doutrina: Gálatas 5.17 e a permanência da carne.

Aula 5 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br

O coração indiviso

“Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento.”

Mateus 22.37 · NAA

Leitura prévia: Mateus 22.34-40; Deuteronômio 6.4-9; Deuteronômio 30.6; Gálatas 5.16-24; Tiago 4.1-10

Bispo Ildo Mello

A palavra que muda tudo

Quando perguntaram a Jesus qual era o maior mandamento, ele respondeu com uma palavra repetida quatro vezes.

“Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento... Ame o seu próximo como você ama a si mesmo.” Mateus 22.37,39

Observe a palavra **todo**. Todo o coração. Toda a alma. Todo o entendimento. Marcos acrescenta “e de todas as suas forças” (Mc 12.30).

A perfeição cristã é exatamente isso: amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos. Não mais do que isso, e não menos.

Por isso Wesley podia resumir a perfeição cristã como amor perfeito. Em sua teologia, a santificação plena não consiste em possuir conhecimento perfeito, julgamento infalível ou imunidade às fraquezas humanas. Consiste em um coração inteiramente orientado para Deus pelo amor. A definição que ele deu em 1759: “Amar a Deus de todo o coração, entendimento, alma e forças. Isso implica que nenhuma disposição má, nenhuma contrária ao amor, permanece na alma.”

Paulo e João dizem o mesmo

“O cumprimento da lei é o amor.”

Rm 13.10

“Nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor.”

Gl 5.6

“Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição.”

Cl 3.14

“Nisto o amor é aperfeiçoado em nós... O perfeito amor lança fora o medo.”

1Jo 4.17-18

Wesley descreveu a fé que opera pelo amor com uma expressão memorável: “A fé que atua pelo amor é o comprimento, a largura, a profundidade e a altura da perfeição cristã.” E note que a expressão *amor perfeito* não é invenção dele. É linguagem bíblica, tirada de 1 João 4.

O coração inteiro já estava na Torá

A ORDEM

Deuteronômio 6.5

“Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças.” É o Shemá, a confissão diária de Israel.

Recitado toda manhã e toda noite

A PROMESSA

Deuteronômio 30.6

“O Senhor, seu Deus, circuncidará o coração de vocês... para que vocês amem o Senhor, seu Deus, de todo o coração.” Deus não apenas manda; promete agir no coração para torná-lo capaz.

É isto que chamamos de inteira santificação

Entre a ordem e a promessa há ainda um desejo, que soa quase como um suspiro: “Quem dera eles sempre tivessem tal coração, para me temerem e guardarem todos os meus mandamentos” (Dt 5.29).

O que significa coração indiviso

Pense em como o oposto se manifesta. Um coração dividido não é necessariamente um coração ímpio. É um coração que ama a Deus e ama outra coisa em concorrência com ele.

1. O caso do jovem rico

Ele não era um pecador escandaloso; era um homem sério, moral, religioso. O problema era que havia uma área da vida onde ele não estava disposto a obedecer, e essa área revelou o restante (Mt 19.16-22).

2. O diagnóstico de Tiago

“Homem de coração dividido, inconstante em todos os seus caminhos” (Tg 1.8). E a exortação correspondente: “Purifiquem o coração, vocês que têm a alma dividida” (Tg 4.8).

3. A cura da divisão

Wesley descrevia a inteira santificação como “uma obra do Espírito onde o coração seria totalmente liberto da rebelião para amar a Deus e aos outros”.

Tentação, fraqueza, carne e pecado interior

Se a *sarx* de Gálatas 5.17 é uma inclinação pecaminosa interior presente em todo cristão enquanto viver, então sobrevive dentro dele justamente aquilo que a inteira santificação diz purificar. Quem não enfrenta essa pergunta não entendeu o problema.

“A carne deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro.” *Gálatas 5.17*

A resposta depende de distinguir cinco realidades que a linguagem popular sobre santidade quase sempre atropela sob o rótulo genérico de “pecado que continua no crente”.

1. **A tentabilidade.** A simples possibilidade de ser tentado. Adão foi tentado antes de qualquer pecado, e Cristo “foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15). Ser tentável faz parte de ser criatura livre.
- **Os apetites e afetos involuntários.** Fome, sono, medo, atração, dor, luto, irritação diante do que fere. Movimentos anteriores à escolha, que precisam ser governados, mas não são pecado. Jesus teve fome, chorou e sentiu indignação (Mc 3.5).
- **As limitações da condição caída.** Ignorância, erro de juízo, esquecimento, doença, cansaço, temperamento difícil, feridas. É a lista que Wesley repetia à exaustão para dizer que a perfeição não as elimina.
- **Os hábitos e condicionamentos.** Sulcos abertos por anos de prática. Aqui a graça age, mas normalmente age no tempo, e é este o terreno próprio da mortificação diária de Romanos 8.13.
- **As disposições, os afetos e os temperamentos moralmente contrários ao amor.** É o que Wesley chama de pecado interior: orgulho, vontade própria, amor ao mundo, cobiça, ira, rancor cultivado, e aquela área reservada onde eu decidi de antemão não obedecer. Note que não são apenas os pecados deliberados: Wesley reconhecia que essas disposições podem mexer-se no coração antes mesmo de a pessoa consentir nelas. É desta quinta categoria que ele fala ao dizer que nenhuma disposição contrária ao amor permanece na alma.

Feita a distinção, a tensão se desfaz. A inteira santificação não promete a supressão das quatro primeiras realidades. Promete que a quinta pode ser tirada do coração, e que o amor pode governar as intenções sem concorrência interna.

E Gálatas 5.17, então?

Note o que Paulo faz. Ele não escreve o versículo 17 como diagnóstico resignado; escreve-o como razão do mandamento do versículo 16: “Vivam pelo Espírito e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne.” E o parágrafo termina em “os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências” (v. 24). Paulo descreve um conflito real, e promete vitória nele.

A precisão que Wesley faria.

Wesley usava exatamente a linguagem de carne e Espírito para descrever o crente regenerado que *ainda não* recebeu a plena purificação. Em *O Pecado nos Crentes* ele fala de dois princípios contrários coexistindo na mesma pessoa: o pecado permanece, embora já não reine. Depois da inteira santificação continuam a tentação, a fraqueza e a possibilidade real de queda; o que cessa é a mente carnal como princípio interior concorrente, disputando o coração com o amor de Deus.

Reconhecendo o outro lado.

Exegetas sérios entendem sarx, aqui, como a corrupção residual no crente, e não como a esfera do velho modo de existência a que o cristão já não pertence. É uma leitura defensável, e não a descarto com facilidade. O que sustento é que o parágrafo inteiro caminha para a vitória, e que a linguagem do versículo 24 é forte demais para descrever uma trégua permanente.

Guardo, portanto, esta formulação: o cristão inteiramente santificado é tentável, limitado, falível e ainda em obra; o que ele não é, pela graça, é dividido.

Um exame que vale fazer

Não pergunte “eu amo a Deus?”, porque quase todo cristão responde que sim e a pergunta não revela nada. Pergunte outra coisa.

Há alguma área da minha vida em que eu tenho, de antemão, decidido não obedecer?

Pode ser um relacionamento que eu sei que não deveria manter. Pode ser um hábito financeiro. Pode ser uma mágoa que eu escolhi guardar. Pode ser uma ambição profissional à qual eu subordinei tudo o mais, inclusive a família e a igreja.

Se existe uma área assim, o coração está dividido, e nenhuma quantidade de atividade religiosa vai resolver isso. A entrega dessa área específica é o que a Escritura chama de consagração, e é ali que a inteira santificação normalmente começa.

Cartões de memorização

Frente	Verso
Perfeição cristã <i>Definição</i>	Amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo. Nem mais, nem menos.

Frente	Verso
Definição clássica <i>Wesley, 1759</i>	Nenhuma disposição má, nenhuma contrária ao amor, permanece na alma.
A fé que atua pelo amor <i>Wesley</i>	É o comprimento, a largura, a profundidade e a altura da perfeição cristã.
Ordem e promessa <i>AT</i>	Dt 6.5 ordena o amor de todo o coração; Dt 30.6 promete o coração capaz dele.
Coração dividido <i>Conceito</i>	Ama a Deus e ama outra coisa em concorrência com ele. Não é necessariamente ímpio.
Tentabilidade <i>Distinção 1</i>	Possibilidade de ser tentado. Própria da criatura livre; não foi removida nem em Cristo (Hb 4.15).
Afetos e limitações <i>Distinção 2 e 3</i>	Apetites involuntários e limitações da condição caída. Governáveis, mas não pecaminosos em si.
Hábitos <i>Distinção 4</i>	Sulcos abertos por anos. Terreno da mortificação diária de Rm 8.13.
Disposições contrárias ao amor <i>Distinção 5</i>	O pecado interior em Wesley: orgulho, vontade própria, amor ao mundo, cobiça, ira. É disto que ele fala ao dizer que nenhuma permanece.
O santificado é... <i>Síntese</i>	Tentável, limitado, falível e ainda em obra. O que ele não é, pela graça, é dividido.

Avaliação

1. Qual palavra, no grande mandamento, define a perfeição cristã?

1. Amor, porque indica sentimento intenso.
2. Senhor, porque indica autoridade.
3. Todo, repetida quatro vezes: todo o coração, toda a alma, todo o entendimento, todas as forças.
4. Próximo, porque amplia o alcance do mandamento.

Resposta: (c) Correto. É a inteireza, e não a intensidade, que define a perfeição cristã.

2. O que caracteriza um coração dividido, segundo a aula?

1. Amar a Deus e amar outra coisa em concorrência com ele.
2. Não ter nenhum interesse por Deus.
3. Duvidar de doutrinas secundárias.
4. Sentir tentação.

Resposta: (a) Correto. O jovem rico é o exemplo: sério, moral, religioso, e com uma área reservada.

3. Qual das cinco realidades distinguidas na aula a inteira santificação promete remover?

1. A tentabilidade.
2. Os apetites e afetos involuntários.
3. As limitações da condição caída, como ignorância e erro de juízo.
4. As disposições, os afetos e os temperamentos contrários ao amor.

Resposta: (d) Correto. É o que Wesley chama de pecado interior: orgulho, vontade própria, amor ao mundo, cobiça, ira.

4. Como a aula responde à objeção baseada em Gálatas 5.17?

1. Negando que o conflito exista no cristão.
2. Mostrando que o versículo fundamenta o mandamento do v. 16 e desemboca na vitória do v. 24.
3. Afirmando que Gálatas se dirige apenas a não convertidos.
4. Sustentando que sarx significa apenas o corpo físico.

Resposta: (b) Correto. “Os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências.”

5. Qual é a pergunta de exame que a aula propõe, em lugar de “eu amo a Deus?”

1. Quanto tempo eu dedico às atividades da igreja?
2. Eu já tive alguma experiência espiritual marcante?
3. Há alguma área da minha vida em que eu decidi, de antemão, não obedecer?
4. Eu me considero melhor do que era antes?

Resposta: (c) Correto. A entrega dessa área é o que a Escritura chama de consagração, e é ali que a inteira santificação normalmente começa.

Para refletir

Responda por escrito, com nome e sobrenome: há alguma área em que você já decidiu, de antemão, não obedecer?

Vale escrever, e não apenas pensar, porque o que fica na cabeça permanece vago o suficiente para não incomodar. As áreas mais frequentes são quatro: um relacionamento que não deveria ser mantido, um hábito financeiro, uma mágoa escolhida e uma ambição à qual tudo o mais foi subordinado. Wesley aconselhava, com sabedoria pastoral, que se examinasse a pessoa com franqueza e se a exortasse a orar com fervor, para que Deus lhe mostrasse tudo o que havia em seu coração. Somos péssimos juízes de nós mesmos.

Um irmão diz que a doutrina do coração indiviso ignora Gálatas 5.17. Como responder com precisão e mansidão?

Concedendo primeiro que a objeção é a mais forte que existe contra esta doutrina, e que exegetas sérios leem sarx como corrupção residual no crente. Depois, oferecendo a distinção das cinco realidades, que mostra o que a doutrina promete e o que não promete. E, por fim, pedindo que se

leia o parágrafo inteiro: o v. 17 fundamenta o mandamento do v. 16 e desemboca no v. 24, que fala de carne crucificada. Paulo descreve conflito real e promete vitória nele.

Para casa

Escrever a resposta à pergunta de exame da última seção e entregá-la a Deus em oração, por nome. Se houver alguém a perdoar, escrever também o nome dessa pessoa.

Próxima aula: Aula 7 — A restauração da imagem de Deus. A melhor categoria bíblica para entender a santificação, e por que ela nunca produz santidade solitária.

Aula 6 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br

A restauração da imagem de Deus

“Pois aqueles que Deus de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho.”

Romanos 8.29 · NAA

Leitura prévia: Colossenses 3.9-14; Efésios 4.20-24; 2 Coríntios 3.12-18; Efésios 1.3-6

Bispo Ildo Mello

A melhor categoria para descrever a santificação

Entre todas as maneiras de descrever a santificação, há uma que me parece superior às demais, e era o modo preferido de Wesley: a santificação entendida como renovação da imagem de Deus no ser humano.

1. É bíblica e explícita

Não precisa ser deduzida. Está em Cl 3.10, Ef 4.24, 2Co 3.18 e Rm 8.29, com essas palavras.

2. Conecta criação e redenção

A salvação não é um plano B improvisado, mas a restauração do propósito original.

3. É interior e exterior

A imagem se expressa em caráter e em conduta, e por isso a categoria não permite separar as duas coisas.

4. É individual e social

A imagem de Deus inclui a capacidade de relacionamento, e por isso a santificação nunca é assunto privado.

O que os textos dizem

O novo ser humano “se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou”.

Cl 3.10

“Revistam-se da nova natureza, criada segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.”

Ef 4.24

“Somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.”

2Co 3.18

“Predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho.”

Rm 8.29

O versículo de 2 Coríntios merece atenção especial. O verbo está na voz passiva: a transformação nos acontece enquanto contemplamos, e não é obra que produzamos. E a expressão “de glória em glória” indica um percurso sem ponto final anunciado nesta vida.

O propósito eterno de Deus

“Assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele.” *Efésios 1.4*

Qual é o destino que Deus estabeleceu para os que estão em Cristo? Serem semelhantes a Jesus. Não simplesmente escaparem do juízo; serem conformados à imagem do Filho.

A eleição não tem como propósito apenas levar pessoas ao céu. O seu propósito é formar um povo santo, irrepreensível e semelhante a Cristo. Aqui a leitura wesleyana difere da leitura reformada popular: não discutimos a extensão ou a condição da eleição, e sim a sua finalidade. E a finalidade declarada nos textos é a santidade.

Vale registrar, porque o assunto costuma vir junto: a tradição arminiano-wesleyana entende que essa predestinação é para os que estão em Cristo, e que a permanência em Cristo depende da fé perseverante. Não é o tema desta aula, mas convém não deixar a impressão de que estamos afirmando uma salvação incondicional.

Onde não podemos imitar a Deus, e onde podemos

INCOMUNICÁVEIS

Não somos chamados a imitar

A onipotência, a onisciência, a onipresença. Ninguém jamais será onipotente, e a ideia de imitar Deus nesses aspectos é a própria definição da tentação original: “você será como Deus”.

Gn 3.5

COMUNICÁVEIS

Somos chamados a imitar

O amor, a justiça, a misericórdia, a fidelidade, a santidade moral. É nestes que a Escritura nos manda ser imitadores de Deus.

Ef 5.1

1. **Perdoando** como Deus nos perdoou: “perdoando-se uns aos outros, como também Deus, em Cristo, perdoou vocês” (Ef 4.32).

- **Amando** como Cristo nos amou: “andem em amor, como também Cristo nos amou” (Ef 5.2).
- **Servindo** como ele serviu: “vocês também devem lavar os pés uns dos outros” (Jo 13.14-15).
- **Tendo a mente de Cristo**, que é a mente da humilhação (Fp 2.5).
- **Seguindo os seus passos**: “Cristo sofreu por vocês, deixando-lhes exemplo” (1Pe 2.21).
- **Pela imitação mediada**: “Sejam meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1).

Este último versículo, aliás, tem peso no debate sobre Romanos 7, que veremos na Aula 10. Um homem que se descreve como “carnal, vendido à escravidão do pecado” não convida ninguém a imitá-lo.

A imagem restaurada não produz santidade solitária

A imagem de Deus no ser humano inclui a capacidade de relacionamento. Deus é comunhão; fomos feitos para a comunhão. Por isso a restauração da imagem nunca produz santidade isolada.

“O evangelho de Cristo não conhece religião que não seja social; nem santidade que não seja santidade social.” *John Wesley, prefácio aos Hinos e Poemas Sagrados, 1739*

É preciso entender bem o que ele quis dizer. Não estava falando de ativismo social como substituto do evangelho, leitura anacrônica que trai o texto. Estava dizendo que a santidade cristã não pode ser praticada em isolamento; ela se forma e se prova nas relações.

“A natureza de vocês é dar sabor a tudo quanto os rodeia. É da natureza do sabor divino que existe em vocês expandir-se em tudo quanto tocarem, difundir-se por todos os lados, atingindo a todos aqueles em cujo meio estiverem. Esta é a grande razão pela qual a Providência de Deus os misturou com os outros seres humanos.” (Wesley, Sermão 24)

Um critério que vale mais do que muitas listas

A categoria da imagem oferece um critério prático de discernimento. Diante de qualquer prática, hábito ou decisão, a pergunta não precisa ser “isto está na lista do proibido?”

Isto contribui para que a imagem de Cristo se forme em mim, ou a obscurece?

Essa pergunta é mais exigente do que a lista, e não menos. Muita coisa que não está em lista alguma deforma a imagem: a amargura cultivada, a ironia cruel, o desprezo pelos simples, a avaria disfarçada de prudência. E muita coisa que as listas proibiram ao longo da história não tinha relação nenhuma com a imagem de Cristo.

Roberts foi implacável nesse ponto ao tratar dos limites da santificação: há coisas que, por natureza, não podem ser santificadas, e devem ser postas fora, não reformadas. O machado vai à raiz, e não aos galhos.

Cartões de memorização

Frente	Verso
Santificação como renovação da imagem <i>Categoria</i>	Modo preferido de Wesley para descrever a santificação.
Bíblica e integradora <i>Vantagem 1 e 2</i>	Explícita nos textos, e conecta criação e redenção.
Interior e social <i>Vantagem 3 e 4</i>	Expressa-se em caráter e conduta; nunca é assunto privado.
Voz passiva <i>2 Coríntios 3.18</i>	A transformação nos acontece enquanto contemplamos, de glória em glória.
Finalidade da eleição <i>Romanos 8.29</i>	Ser conforme à imagem do Filho, e não apenas escapar do juízo.
Não imitamos <i>Atributos incommunicáveis</i>	Onipotência, onisciência, onipresença. Querer isso é a tentação de Gn 3.5.
Imitamos <i>Atributos comunicáveis</i>	Amor, justiça, misericórdia, fidelidade, santidade moral (Ef 5.1).
Santidade social <i>Wesley, 1739</i>	Não há religião que não seja social, nem santidade que não seja social.
O sabor divino <i>Wesley, Sermão 24</i>	É da sua natureza expandir-se em tudo quanto tocarem.
A pergunta que substitui a lista <i>Critério prático</i>	Isto contribui para que a imagem de Cristo se forme em mim, ou a obscurece?

Avaliação

1. Por que a renovação da imagem de Deus é a melhor categoria para descrever a santificação?

1. Porque é a única mencionada na Bíblia.
2. Porque é bíblica e explícita, conecta criação e redenção, e é ao mesmo tempo interior, exterior, individual e social.
3. Porque evita falar de conduta.
4. Porque foi criada por Wesley no século XVIII.

Resposta: (b) Correto. São as quatro vantagens apresentadas na primeira seção.

2. O que a voz passiva de 2 Coríntios 3.18 indica?

1. Que a santificação independe de qualquer participação nossa.
2. Que a transformação acontece apenas na ressurreição.
3. Que a transformação nos acontece enquanto contemplamos, e não é obra que produzamos.
4. Que a contemplação substitui a obediência.

Resposta: (c) Correto. Somos transformados, e o agente é o Senhor, o Espírito.

3. Segundo Efésios 1.4 e Romanos 8.29, qual é a finalidade da eleição?

1. Garantir que os escolhidos não possam se perder.
2. Separar um grupo para privilégios religiosos.
3. Assegurar a entrada no céu, sem mais consequências.
4. Formar um povo santo, irrepreensível e conforme à imagem do Filho.

Resposta: (d) Correto. A finalidade declarada nos textos é a santidade.

4. Quais atributos de Deus somos chamados a imitar?

1. Os comunicáveis: amor, justiça, misericórdia, fidelidade, santidade moral.
2. Todos, sem distinção, pois somos feitos à sua imagem.
3. Nenhum, pois a distância entre Criador e criatura é absoluta.
4. Apenas a onisciência, por meio do estudo das Escrituras.

Resposta: (a) Correto. Os incommunicáveis (onipotência, onisciência, onipresença) não são objeto de imitação.

5. O que Wesley quis dizer com “não há santidade que não seja social”?

1. Que o evangelho deve ser substituído por um programa social.
2. Que a santidade cristã não pode ser praticada em isolamento: ela se forma e se prova nas relações.
3. Que a santidade depende da aprovação da sociedade.
4. Que apenas ações públicas contam como santidade.

Resposta: (b) Correto. A imagem de Deus inclui a capacidade de relacionamento.

Para refletir

Que hábito seu, hoje, obscurece a imagem de Cristo em você, mesmo não estando em lista alguma de proibições?

O critério da imagem alcança coisas que as listas não pegam, e é por isso que ele é mais exigente. Os candidatos mais comuns são a amargura cultivada, a ironia cruel, o desprezo pelos simples e a avareza disfarçada de prudência. Vale nomear um, e apenas um, para trabalhar nele com os meios de graça durante a semana.

Como você explicaria a diferença entre santidade social, no sentido de Wesley, e ativismo social sem evangelho?

Wesley não propôs trocar o evangelho por um programa. Ele pregou um evangelho tão completo que gerou consequências sociais: escolas, visitas a presos, socorro aos pobres, combate à escravidão. A diferença está na ordem e na raiz. A santidade social nasce de pessoas transformadas pela graça e transborda; o ativismo sem evangelho tenta o fruto sem a árvore. Vale acrescentar que o erro simétrico também existe: a santidade que se protege do mundo em vez de servi-lo, e que Roberts chamava de pureza enclausurada.

Para casa

Escolher uma das seis formas de imitação listadas na aula e praticá-la deliberadamente durante a semana, registrando o que aconteceu.

Próxima aula: Aula 8 — As promessas: Deus santifica completamente. O coração do argumento bíblico, onde Deus deixa de apenas ordenar a santidade e passa a prometer realizá-la.

Aula 7 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br

As promessas: Deus santifica completamente

“E o próprio Deus da paz os santifique completamente... Fiel é aquele que os chama, o qual também o fará.”

1 Tessalonicenses 5.23-24 · NAA

Leitura prévia: 1 Tessalonicenses 5.12-28; Atos 15.6-11; 2 Pedro 1.3-11; Efésios 3.14-21

Bispo Ildo Mello

A diferença entre uma ordem e uma promessa

Até aqui vimos que Deus ordena a santidade. Nesta aula veremos algo mais forte: Deus promete realizá-la.

Uma ordem me diz o que devo fazer. Uma promessa me diz o que Deus vai fazer. E quando as duas coisas coincidem, quando Deus ordena precisamente aquilo que promete realizar, a doutrina da inteira santificação deixa de ser presunção humana e se torna confiança na fidelidade divina.

Guarde esta formulação, porque ela responde à objeção mais séria contra a doutrina. O melhor crítico da inteira santificação não diz que Deus não teria poder para fazer isso; ele concede a onipotência sem hesitar. A sua pergunta é outra: Deus prometeu realizar essa obra neste grau antes da glorificação? É essa a pergunta que esta aula procura responder.

A oração e a promessa de 1 Tessalonicenses

“E o próprio Deus da paz os santifique completamente. E que o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é aquele que os chama, o qual também o fará.” 1 Tessalonicenses 5.23-24

1. Quatro afirmações

Deus chama. Deus santifica. Deus pode santificar completamente. E o versículo 24 acrescenta a garantia: aquele que chama é fiel e fará isso.

2. Uma observação de honestidade

O v. 23 é uma oração, um desejo formulado por Paulo, e não uma declaração dogmática; o v. 24 é que fornece o fundamento da confiança. Isso não enfraquece o argumento, mas muda o seu peso.

3. O vocabulário, com cautela

O termo grego traduzido por completamente (*holoteleîs*) é raro, e a sua formação sugere a ideia de completo em todas as partes. Não faço a exegese depender da etimologia, mas ela combina com o desdobramento que vem em seguida.

4. Espírito, alma e corpo

Não é uma tese antropológica sobre a composição do ser humano. É o modo bíblico de dizer a pessoa toda, sem sobrar nada de fora, como no todo o coração, toda a alma, todo o entendimento de Marcos 12.30.

Mas o texto diz “na vinda do Senhor”

A objeção mais forte a este texto é a seguinte: Paulo diz “na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. Logo, a santificação completa seria escatológica, realizada na parusia, e não antes.

Primeira resposta: a expressão indica verificação, não realização.

Paulo pede que sejam *conservados* irrepreensíveis até aquele dia, o que pressupõe que já sejam irrepreensíveis antes dele. Não se conserva o que ainda não existe.

Segunda: a mesma construção aparece três capítulos antes.

Em 1Ts 3.13 Paulo ora “para que o coração de vocês seja confirmado em santidade, isento de culpa, diante do nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus”. Ora-se pela confirmação presente, com vistas ao dia futuro.

Um argumento que eu não uso.

Às vezes se diz que a oração seria supérflua se a santificação completa fosse automática na parusia. Esse argumento não se sustenta, porque Paulo ora com frequência por coisas que sabe que Deus fará. O peso está no verbo *conservados* e no paralelo de 3.13.

O que Roberts observou a partir deste texto.

Eles já estavam santificados em parte; Paulo ora para que a obra seja feita neles por Deus, e não lhes diz que a esperem por um processo de desenvolvimento e crescimento graduais.

Deus pode purificar o coração

“Deus não fez distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes o coração pela fé.” *Atos 15.9*

Duas coisas importam aqui. Primeiro, o que foi purificado: o coração, e não apenas o registro. Segundo, o meio: pela fé, e não por esforço ou mérito.

O problema fundamental do pecado não está apenas nos atos externos. Jesus ensinou que é do coração que procedem os pecados (Mc 7.21-23). Consequentemente, a graça santificadora precisa alcançar o coração. Uma solução que só tratasse do comportamento seria como podar uma árvore doente.

“Cria em mim, ó Deus, um coração puro.” O verbo é *bará*, o mesmo de Gênesis 1.1, que no AT tem sempre Deus por sujeito. Davi não pede reforma de conduta; pede obra criadora.

Sl 51.10

“Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.”

Mt 5.8

“Todo aquele que tem essa esperança nele purifica a si mesmo, assim como ele é puro.”

1Jo 3.3

“O amor de Deus foi derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado.” Derramado, e não gotejado.

Rm 5.5

Recebemos, participamos, refletimos

A dinâmica da santificação pode ser resumida em três movimentos, e a ordem não pode ser invertida.

MOVIMENTO 1

Recebemos

“O amor de Deus foi derramado em nosso coração pelo Espírito Santo” (Rm 5.5). “Porei dentro de vocês o meu Espírito” (Ez 36.27). “Vocês receberão poder ao descer sobre vocês o Espírito Santo” (At 1.8).

A iniciativa é de Deus

MOVIMENTO 2

Participamos

“Coparticipantes da natureza divina” (2Pe 1.4). Não significa que nos tornamos divinos em essência; significa que, pela graça, participamos da vida moral de Deus. “Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.20).

Participação, não divinização

Movimento 3, refletimos. Aquilo que recebemos interiormente torna-se visível exteriormente. “Vocês são a luz do mundo” (Mt 5.14). “Para que vocês se tornem irrepreensíveis e puros... na qual vocês resplandecem como luzeiros no mundo” (Fp 2.15).

Pedro faz ainda uma afirmação extraordinária: “o seu divino poder nos tem concedido tudo o que diz respeito à vida e à piedade” (2Pe 1.3). Se isso é verdade, nenhum cristão pode alegar falta de recursos. O que falta, quando falta, está do nosso lado: a provisão já foi dada, e resta apropriar-se

dela. E note o que Pedro faz em seguida: “Por isso mesmo, empenhem todo o esforço” (2Pe 1.5). Graça divina e resposta humana no mesmo parágrafo.

As orações mais ousadas do Novo Testamento

Termino com duas orações de Paulo, porque elas mostram o que o apóstolo julgava legítimo pedir.

“Que o Senhor faça com que cresça e aumente o amor de vocês... a fim de que o coração de vocês seja confirmado em santidade, isento de culpa.”

1Ts 3.12-13

“E conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus.”

Ef 3.19

Paulo não diz apenas que devemos possuir um pouco mais de amor. Ele ora para que sejamos cheios de toda a plenitude de Deus. E, como se antecipasse a objeção de que isso é demais para se pedir, encerra assim: “Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós” (Ef 3.20).

Diante de promessas tão elevadas, alguém perguntará: isso realmente é possível? A resposta não deve começar com aquilo que pensamos ser capazes de fazer, mas com aquilo que Deus é capaz de fazer em nós.

Cartões de memorização

Frente	Verso
Ordem e promessa <i>Tese</i>	Quando Deus ordena precisamente o que promete realizar, a doutrina vira confiança na fidelidade divina.
O que o bom crítico pergunta <i>A pergunta certa</i>	Não se Deus <i>pode</i> , mas se Deus <i>prometeu</i> fazer isso antes da glorificação.
Quatro afirmações <i>1Ts 5.23-24</i>	Deus chama, santifica, pode santificar completamente e é fiel para fazê-lo.
holoteleís <i>Grego</i>	Termo raro; a formação sugere completo em todas as partes.
Espírito, alma e corpo <i>Cuidado</i>	Não é tese antropológica; é o modo bíblico de dizer a pessoa toda.
Conservados <i>Resposta à objeção</i>	Pede-se conservação até o Dia, o que pressupõe irrepreensibilidade antes dele.

Frente	Verso
O que foi purificado <i>Atos 15.9</i>	O coração, e não apenas o registro. E o meio foi a fé.
bará <i>Salmo 51.10</i>	O verbo criador de Gn 1.1, que no AT tem sempre Deus por sujeito.
Recebemos, participamos, refletimos <i>Três movimentos</i>	Rm 5.5 · 2Pe 1.4 · Fp 2.15. A ordem não pode ser invertida.
Provisão e esforço <i>2 Pedro 1.3-5</i>	Deus concedeu tudo para a vida e a piedade; por isso mesmo, empenhem todo o esforço.

Avaliação

1. Qual é a diferença decisiva entre uma ordem e uma promessa, para esta doutrina?

1. A ordem é do Antigo Testamento; a promessa, do Novo.
2. A ordem obriga; a promessa é opcional.
3. A ordem diz o que devo fazer; a promessa diz o que Deus fará. Quando coincidem, a doutrina vira confiança.
4. A ordem se cumpre agora; a promessa, apenas na eternidade.

Resposta: (c) Correto. É assim que a inteira santificação deixa de ser presunção humana.

2. Qual é a melhor resposta à objeção escatológica sobre 1 Tessalonicenses 5.23?

1. Que Paulo se equivocou quanto ao tempo da parusia.
2. Que a expressão indica o momento da verificação, e o verbo conservados pressupõe algo já existente.
3. Que a oração seria supérflua se a santificação fosse automática na parusia.
4. Que o texto se dirige apenas aos líderes de Tessalônica.

Resposta: (b) Correto, com o reforço do paralelo de 1Ts 3.13, em que se ora pela confirmação presente.

3. O que Atos 15.9 acrescenta ao argumento?

1. Que o que foi purificado é o coração, e que o meio foi a fé.
2. Que os gentios foram aceitos sem qualquer transformação.
3. Que a purificação depende de guardar a Lei de Moisés.
4. Que a purificação é apenas cerimonial.

Resposta: (a) Correto. Uma solução que só tratasse do comportamento seria como podar uma árvore doente.

4. O que significa dizer que somos coparticipantes da natureza divina (2Pe 1.4)?

1. Que nos tornamos divinos em essência.
2. Que recebemos onisciência e onipotência em medida limitada.
3. Que deixamos de precisar da graça.
4. Que, pela graça, participamos da vida moral de Deus: o amor dele opera em nós.

Resposta: (d) Correto. É participação, e não divinização.

5. O que as orações de 1Ts 3.12-13 e Ef 3.19 revelam?

1. Que Paulo pedia apenas melhorias graduais e modestas.
2. O que o apóstolo julgava legítimo pedir a Deus em favor de cristãos já convertidos.
3. Que a santificação depende exclusivamente do esforço da igreja.
4. Que Paulo duvidava da conversão dos seus leitores.

Resposta: (b) Correto. E ele fecha lembrando que Deus é poderoso para fazer infinitamente mais do que pedimos (Ef 3.20).

Para refletir

Qual das promessas estudadas nesta aula você tem mais dificuldade de crer? Por quê?

A dificuldade costuma ter uma de duas raízes. A primeira é experiência: a pessoa já tentou e falhou, e concluiu que a promessa não se aplica a ela. A segunda é doutrinária: aprendeu que esperar isso é presunção. Para a primeira, vale lembrar que a provisão já foi dada e que o que falta está do nosso lado (2Pe 1.3-5). Para a segunda, vale notar que quem ora essas orações é o apóstolo, e que ele as fecha dizendo que Deus faz infinitamente mais do que pedimos.

Como você responderia a alguém que diz: “Deus poderia fazer isso, mas não prometeu fazê-lo antes da glorificação”?

Essa é a objeção séria, e merece resposta pelo mesmo caminho: mostrando as promessas, e não discutindo a onipotência. Deus ordena que amemos de todo o coração e promete circuncidar o coração para que possamos amá-lo assim (Dt 30.6). Promete pôr o seu Espírito dentro de nós e fazer que andemos nos seus estatutos (Ez 36.27). Ora para que sejamos santificados completamente e acrescenta que aquele que chama é fiel e o fará (1Ts 5.23-24). Diz que o amor pode ser aperfeiçoado em nós (1Jo 4.12,17). A discussão deve ficar sobre a natureza e a extensão da promessa, que é onde ela realmente está.

Para casa

Transformar 1 Tessalonicenses 5.23-24 e Efésios 3.14-21 em oração pessoal, todos os dias da semana, substituindo o vocês pelo seu próprio nome.

Próxima aula: Aula 9 — Duas expectativas sobre o alcance da graça. Onde o consenso cristão se desfaz, e como apresentar com justiça a posição de quem discorda de nós.

Aula 8 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br

Duas expectativas sobre o alcance da graça

“O que é impossível para os seres humanos é possível para Deus.”

Lucas 18.27 · NAA

Leitura prévia: Colossenses 1.13-14; 1 João 3.4-10; Tiago 2.14-26; Gálatas 5.6

Bispo Ildo Mello

Fomos libertos, ou seguimos escravos?

Todas as tradições cristãs concordam que Deus ordena a santidade. Todas concordam que a graça perdoa. A divergência começa quando se pergunta: quanto a graça pode fazer nesta vida?

“Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor.” Se fomos transportados, o endereço mudou.

Cl 1.13

“Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo.” Se foram destruídas, alguma coisa mudou de fato.

1Jo 3.8

A pergunta é: mudou o quê, exatamente? Mudou apenas a nossa posição legal diante de Deus, ou mudou também a nossa capacidade real de viver em santidade?

Uma palavra sobre os nomes, antes de tudo

É comum, em livros wesleyanos, chamar de pessimista a tradição que nega a possibilidade da inteira santificação nesta vida. Evito esse rótulo, porque ele decide a discussão pelo vocabulário e descreve mal quem discorda de nós.

POSIÇÃO A

Tradição não perfeccionista

Sustenta que a santificação permanece necessariamente incompleta até a glorificação, e enfatiza a permanência da corrupção interior no crente até a morte.

Lutero, Calvino e herdeiros

POSIÇÃO B

Tradição wesleyana da perfeição cristã

Sustenta a possibilidade de uma santificação plena no amor já nesta vida, sem negar as limitações, a tentação e a possibilidade de queda.

É preciso ser justo com a primeira tradição, porque ela tem preocupações legítimas. Ela protege a doutrina da graça, evitando que a pessoa passe a confiar na própria santidade em vez de confiar em Cristo. Protege contra a arrogância espiritual, e a história está cheia de gente que se julgou sem pecado e se tornou insuportável. E é honesta com a experiência, porque a maioria dos cristãos encontra mais fracasso do que gostaria.

O preço dessa ênfase

1. Auto-indulgência

Quando a derrota é normalizada teologicamente, ela deixa de incomodar. A pessoa aprende a conviver com pecados que deveria estar combatendo, e a chamar essa convivência de realismo.

2. Complacência pastoral

O pastor que crê que ninguém pode mesmo vencer determinado pecado deixa de exortar, deixa de crer que valha a pena orar, e acaba oferecendo apenas consolo onde deveria oferecer também esperança.

3. Santidade reduzida a status

Se santidade é sinônimo de justificação, a exortação bíblica à santificação fica sem objeto, e as centenas de exortações apostólicas ao esforço e à vigilância passam a soar como retórica.

Wesley identificou o problema com precisão. Ele reconhecia nos batistas do seu tempo a coerência de exigirem arrependimento para a conversão, mas não entendia por que deixavam de exigir arrependimento e santidade depois dela. Se o pecado é grave o bastante para exigir arrependimento antes, por que se torna tolerável depois?

O otimismo wesleyano da graça

Wesley reconhecia os efeitos da Queda tão seriamente quanto qualquer reformador. Ele não era um humanista otimista sobre a natureza humana; era um pessimista quanto ao ser humano e um otimista quanto à graça.

“A maior força da doutrina wesleyana da perfeição talvez esteja em sua habilidade de mobilizar os crentes a buscarem um futuro mais perfeito que supere o presente. Pois, mesmo estando consciente das forças do mal, Wesley não as considera consequências inevitáveis do pecado original, mas exatamente aquilo que pode ser vencido.” *Theodore Runyon*

Howard Snyder observou o mesmo em outra chave: Wesley via a graça de Deus atuando de maneira tão plena e abundante que ninguém deveria estabelecer limites para a ação do poder de Deus através da Igreja na era presente.

Preciso qualificar uma frase que costuma ser citada nesse contexto: a de que os calvinistas falam muito da graça soberana de Cristo, mas falham em perceber o seu poder transformador. Formulada assim, ela é injusta. A tradição reformada tem uma doutrina robusta da mortificação, da vivificação e da união com Cristo; Calvino e os puritanos escreveram sobre transformação do caráter com uma seriedade que poucos igualaram. O ponto real da divergência é outro: até onde essa transformação pode alcançar o coração antes da glorificação.

A varanda, a porta e a casa

Wesley usava uma imagem doméstica para explicar a estrutura da salvação. Vale citá-la como ele a escreveu, em *Os Princípios de um Metodista Melhor Explicados*, de 1746.

“As nossas principais doutrinas, que incluem todas as demais, são três: a do arrependimento, a da fé e a da santidade. À primeira consideramos, por assim dizer, a varanda da religião; à segunda, a porta; a terceira é a própria religião.” *John Wesley, 1746*

Arrependimento na varanda. Fé na porta. Santidade dentro de casa. Repare no que a imagem faz: ela não diminui o arrependimento nem a fé; apenas mostra que nenhum dos dois é o destino. Ninguém constrói uma casa para morar na varanda, e ninguém passa a vida em pé na soleira da porta.

É comum, entre nós, adaptar a imagem para incluir a graça preveniente na varanda, a justificação na porta e a santificação nos cômodos. A adaptação é útil e diz coisa verdadeira, mas convém saber que ela é nossa, e não de Wesley. Ele estava falando de três doutrinas que pregava, e não das etapas do *ordo salutis*.

De qualquer maneira, o ponto pastoral é o mesmo nas duas versões: muita pregação evangélica trata a porta como se fosse a casa inteira. Fala-se da conversão como se ela fosse o objetivo, quando ela é a entrada.

Falar em esforço não é voltar à salvação por obras?

O que Wesley afirmava sobre a condição da justificação.

“A condição da nossa justificação é a fé somente e não as boas obras; visto que todas as obras feitas antes da justificação têm nelas a natureza do pecado. Por fim, que a fé, que é a única condição da justificação, é a fé que está em nós pela graça de Deus.” Mais claro do que isso, impossível: não somos justificados por obras.

E o que ele acrescentava.

Que não basta crer como assentimento intelectual, pois é preciso confiar de modo a se entregar e obedecer. Tiago já dizia que a fé sem obras é morta (Tg 2.26) e observava, com ironia, que os demônios creem e tremem (Tg 2.19). Se crer fosse apenas concordar, os demônios seriam cristãos.

O que tem valor, então?

“A fé que atua pelo amor” (Gl 5.6). É a fé que se converte em ação: a mulher do fluxo de sangue que estende a mão, Zaqueu que desce da árvore e devolve o que roubou, Abraão que sai da sua terra, o cego de Jericó que insiste em gritar. A todos eles Jesus poderia dizer o que disse a uma delas: “A sua fé a salvou” (Mc 5.34).

O equilíbrio wesleyano se sustenta em quatro pares que não devem ser separados: fé e obras; justificação e santificação; santificação pessoal e social; o agir de Deus e a responsabilidade humana.

Onde eu me situo

Deixo a minha posição explícita, porque é isso que se espera de quem ensina sobre o assunto.

1. O que concedo

A tradição não perfeccionista está certa ao afirmar que o crente permanece dependente da graça a cada momento, sujeito à tentação, capaz de cair e necessitado do sangue de Cristo até o último dia. Nada deste curso contradiz isso, e Wesley afirmava o mesmo com todas as letras.

2. Onde discordo

Creio que ela erra ao transformar a permanência da luta em permanência da escravidão. Há uma diferença abissal entre um soldado que enfrenta batalhas e um escravo que perdeu a guerra. O Novo Testamento descreve os cristãos como soldados.

3. Onde a discussão se concentra

A maior parte do desacordo se concentra na interpretação de um único texto: Romanos 7. É a ele que dedicamos a próxima aula.

Cartões de memorização

Frente	Verso
Onde o consenso se desfaz <i>Pergunta central</i>	Quanto a graça pode fazer nesta vida?
Tradição não perfeccionista <i>Nomenclatura</i>	Santificação necessariamente incompleta até a glorificação.

Frente	Verso
Tradição wesleyana <i>Nomenclatura</i>	Possibilidade de santificação plena no amor já nesta vida.
Três preocupações legítimas <i>Justiça com o outro lado</i>	Proteger a graça, evitar arrogância espiritual e ser honesta com a experiência.
Três consequências <i>Preço</i>	Auto-indulgência, complacência pastoral e santidade reduzida a status.
A incoerência que ele notava <i>Wesley</i>	Exigir arrependimento antes da conversão e não exigi-lo depois.
A força da doutrina <i>Runyon</i>	Mobilizar os crentes a buscarem um futuro mais perfeito que supere o presente.
A imagem correta <i>Wesley, 1746</i>	Arrependimento é a varanda, fé é a porta, santidade é a própria religião.
A adaptação é nossa <i>Cuidado histórico</i>	Graça preveniente, justificação e santificação é reconstrução contemporânea, não de Wesley.
Quatro pares <i>Equilíbrio wesleyano</i>	Fé e obras; justificação e santificação; santidade pessoal e social; agir de Deus e responsabilidade humana.

Avaliação

1. Por que a aula evita chamar de pessimista a tradição que nega a inteira santificação nesta vida?

1. Porque essa tradição não existe mais hoje.
2. Porque o termo é tecnicamente correto, mas pouco conhecido.
3. Porque Wesley proibiu o uso de rótulos.
4. Porque o rótulo decide a discussão pelo vocabulário e descreve mal quem discorda de nós.

Resposta: (d) Correto. As posições são nomeadas pelo que afirmam: não perfeccionista e wesleyana da perfeição cristã.

2. Quais são as preocupações legítimas da tradição não perfeccionista?

1. Preservar a autoridade eclesiástica e a ordem litúrgica.
2. Proteger a doutrina da graça, evitar a arrogância espiritual e ser honesta com a experiência.
3. Negar a possibilidade de qualquer transformação moral.
4. Reservar a santidade ao clero.

Resposta: (b) Correto. Reconhecer isso é condição para discutir o assunto com justiça.

3. Qual é a formulação correta da metáfora doméstica de Wesley?

1. Graça proveniente na varanda, justificação na porta, santificação nos cômodos.
2. Fé na varanda, obras na porta, amor na casa.
3. Arrependimento é a varanda, fé é a porta, santidade é a própria religião.
4. Justificação é a casa, santificação é o jardim.

Resposta: (c) Correto, conforme Os Princípios de um Metodista Melhor Explicados, de 1746.

4. Segundo Wesley, qual é a condição da justificação?

1. A fé somente, e não as boas obras.
2. A fé acompanhada de obras meritórias.
3. O arrependimento sincero, independentemente da fé.
4. A perseverança até o fim da vida.

Resposta: (a) Correto, e ele acrescenta que essa fé está em nós pela graça de Deus.

5. Qual é a posição explícita da aula ao final?

1. Que a tradição não perfeccionista está inteiramente equivocada.
2. Que ela acerta quanto à dependência contínua da graça, mas erra ao transformar a luta permanente em escravidão permanente.
3. Que as duas posições dizem exatamente a mesma coisa com palavras diferentes.
4. Que o assunto não pode ser decidido pela Escritura.

Resposta: (b) Correto. Há diferença abissal entre soldado que enfrenta batalhas e escravo que perdeu a guerra.

Para refletir

Que versão do cristianismo você recebeu: a que espera vitória ou a que administra a derrota? Como isso moldou a sua expectativa?

Vale identificar onde e com quem você aprendeu, porque quase sempre a expectativa foi herdada, e não examinada. Quem recebeu a versão que administra a derrota costuma chamar isso de humildade, quando muitas vezes é resignação com nome de teologia. E quem recebeu a versão que espera vitória precisa checar se aprendeu junto as fronteiras da doutrina, sem as quais a expectativa vira presunção. As duas heranças precisam ser examinadas à luz do texto.

Como você descreveria a posição reformada a um irmão reformado, de modo que ele reconhecesse a própria posição na sua descrição?

Este é um bom teste de honestidade intelectual, e o critério é simples: ele deve poder dizer “é isso mesmo o que eu creio”. A descrição justa inclui mortificação real do pecado, crescimento genuíno em santidade e poder do Espírito para vencer pecados concretos. O que a posição nega é a erradicação da corrupção interior antes da glorificação. Se a sua descrição transformar o interlocutor em alguém que prega a derrota, você descreveu a caricatura, e não a posição.

Para casa

Escrever, em meia página, a posição não perfeccionista na sua melhor versão, como se você fosse defendê-la. Só depois escrever a sua objeção a ela.

Próxima aula: Aula 10 — O enigma de Romanos 7. Quem é o homem miserável do versículo 24, e por que essa decisão exegética muda a pregação de uma igreja inteira.

Aula 9 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br

O enigma de Romanos 7

“Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”

Romanos 7.24 · NAA

Leitura prévia: Romanos 5.12-21; Romanos 6; Romanos 7; Romanos 8.1-17

Bispo Ildo Mello

Quem é o homem miserável?

Quem é o “eu” que grita “Desventurado homem que sou!” em Romanos 7.24? Trata-se do apóstolo Paulo descrevendo a sua experiência como cristão maduro, ou de um recurso retórico para retratar a condição do ser humano que tenta cumprir a Lei pela força da própria carne?

Formulo a alternativa com cuidado, porque ela costuma ser apresentada de modo caricato.

Se Romanos 7.14-25 descreve normativamente o crente enquanto crente, permanece uma tensão difícil de explicar entre a condição de alguém “vendido à escravidão do pecado” e as declarações de Romanos 6 e 8 de que o crente foi libertado do domínio do pecado. Se, porém, o “eu” retrata a condição do ser humano sob a Lei, sem o poder do Espírito, então Romanos 8 se torna a descrição normativa da vida cristã e a tensão desaparece.

Note que a alternativa não é entre uma leitura que prega a derrota e outra que prega a vitória. Ninguém que sustenta a leitura agostiniana prega a derrota. A alternativa é sobre como conciliar afirmações que, à primeira vista, se chocam dentro dos mesmos quatro capítulos.

A estrutura de Romanos 5 a 8

Antes de mergulhar nos detalhes, é indispensável compreender a arquitetura do argumento de Paulo.

1. **Pano de fundo (Rm 5.12-21):** o contraste entre Adão, cuja transgressão trouxe condenação e morte, e Cristo, cuja obediência trouxe justificação e vida. Este contraste é a espinha dorsal de tudo o que se segue.
- **A libertação (Rm 6):** “uma vez libertados do pecado, vocês se tornaram servos da justiça... Naquele tempo, que fruto vocês tinham?... Agora, porém, libertados do pecado” (Rm 6.18-22). Eram escravos, no passado; agora estão libertados.
- **O resumo programático (Rm 7.5-6):** o v. 5 descreve a condição pregressa, “quando vivíamos segundo a carne”; o v. 6 descreve a condição atual, “agora, porém, libertados”.

E aqui está a chave: **Romanos 7.7-25 detalha a condição do versículo 5, e Romanos 8.1-17 detalha a condição do versículo 6.** Tanto 7.6 quanto 8.1 são introduzidos pelo advérbio *agora*,

reforçando o contraste com a vida pregressa. Em outras palavras: Romanos 7.7-25 é a anatomia do fracasso do versículo 5; Romanos 8.1-17 é a exposição da vitória do versículo 6.

A defesa da Lei e a pista de Adão

Se fomos libertados da Lei, e se as paixões pecaminosas eram até despertadas por ela, alguém poderia perguntar: então a Lei é pecado? Paulo responde com um veemente “De modo nenhum!”

1. A função reveladora

A Lei funciona como um raio X: revela a fratura, mas não cura o osso. Ela é santa, justa e boa (v. 12), mas não tem poder de transformar o coração.

2. O pecado como oportunista

A culpa não é da Lei, mas do pecado que habita no ser humano caído. O pecado usa a Lei como base de operações. O termo grego é *aphormē*, a cabeça de ponte a partir da qual se lança um ataque.

3. O eco da Queda

O verbo de v. 11, traduzido por enganou, é o mesmo que a Septuaginta usa em Gênesis 3.13 para a ação da serpente sobre Eva. A linguagem ecoa deliberadamente a narrativa da Queda.

“Antes, eu vivia sem lei; mas, sobrevindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri.” *Romanos 7.9*

Faça a pergunta com seriedade: quem, na história bíblica, viveu um período sem mandamento proibitivo e depois recebeu uma ordem específica, cuja transgressão trouxe morte? A resposta é Adão. Ele foi o único que viveu sem lei; foi o primeiro a violar o mandamento; e morreu em consequência da desobediência.

Considerando que o contraste entre Adão e Cristo funciona como pano de fundo de toda esta seção, a conclusão se impõe: Romanos 7 não introduz um argumento novo; continua o argumento de Romanos 3.23 e 5.12-21.

Duas posições que merecem respeito

POSIÇÃO 1

A leitura agostiniana

A tradição de Agostinho tardio, Lutero e Calvino afirma que este é o cristão maduro lutando contra a carne. Convém registrar que sustentar essa leitura não implica pregar a derrota: quem a defende afirma mortificação, crescimento e poder do Espírito. O que essa tradição nega é a erradicação da corrupção interior antes da glorificação.

Agostinho tardio, Lutero, Calvino

POSIÇÃO 2

A leitura arminiano-wesleyana

Apoiada por muitos Pais da Igreja anteriores a Agostinho, como Irineu, Orígenes, Crisóstomo e Metódio, e por exegetas modernos como Craig Keener e Ben Witherington III. Afirma que o “eu” é retórico e descreve a condição do ser humano sob a Lei, sem o poder do Espírito.

Pais pré-agostinianos e exegese moderna

Um dado histórico merece registro. O próprio Agostinho, em seus escritos anteriores, interpretava Romanos 7.14-25 como referente ao ser humano não regenerado. Foi somente na controvérsia com os pelagianos que ele mudou de posição. A mudança foi motivada por razões polêmicas, não estritamente exegéticas, e foi essa versão tardia de Agostinho que os reformadores herdaram.

Os argumentos da posição contrária

Apresento agora os principais argumentos de quem entende que Romanos 7.14-25 se refere ao cristão. São argumentos sérios, e quem os despreza não entendeu o problema.

1. **A mudança para o tempo presente.** Os verbos passam do passado (vv. 7-13) para o presente (vv. 14-25), sugerindo que Paulo fala da sua condição atual.
- **O deleite na lei de Deus (v. 22).** Uma pessoa não regenerada não teria prazer na lei de Deus, no tocante ao homem interior.
 - **A distinção entre o eu e a carne (v. 18).** A capacidade de distinguir entre o verdadeiro eu e a carne pareceria pressupor regeneração.
 - **A libertação do corpo é futura (v. 24).** O gemido refletiria a tensão escatológica do já e ainda não, que Paulo aplica aos crentes no capítulo 8.
 - **A tensão do v. 25.** Servir à lei de Deus com a mente e à lei do pecado com a carne refletiria a experiência real do cristão.
 - **Justos, mas não perfeitos.** Já somos justos em Cristo, mas não aperfeiçoados até o dia da redenção; Romanos 7 descreveria esse intervalo.

Sete razões exegéticas

1. **A estrutura determina a leitura.** Os vv. 5 e 6 funcionam como sumário programático, e nenhum argumento sobre tempos verbais isolados pode se sobrepor à arquitetura do argumento.
- **O presente dramático é recurso reconhecido.** Paulo usa a prosopopeia, o discurso em persona, e faz uso extenso da diatribe em toda a carta (2.1-6; 3.1-9; 9.19-21; 11.17-24). Quem lê Romanos inteiro já encontrou dezenas de eus retóricos antes do capítulo 7.
 - **Contradição insustentável com Romanos 6.** Em 6.18,22 os cristãos foram libertados do pecado; em 7.14 o eu é carnal, vendido à escravidão do pecado. Ninguém é simultaneamente livre e escravo.
 - **Contradição insustentável com Romanos 8.** Em 8.9 os cristãos não estão na carne, mas no Espírito; em 7.14 o eu é carnal.

- **O desejo pela Lei não exige regeneração.** Reflete perfeitamente a mentalidade do judeu devoto que quer viver moralmente e não consegue. A religiosidade sincera não é privilégio dos regenerados: Saulo de Tarso é a prova.
- **O versículo 13 situa o contexto.** O verso que abre a seção explica como a Lei trouxe morte, e o contexto é o da condição sob a Lei, sem Cristo.
- **Paulo vivia em santidade e a ensinava.** Ele podia dizer “sejam meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1) e afirmava que, quanto à justiça que há na lei, fora irrepreensível já como fariseu (Fp 3.6).

O silêncio eloquente do Espírito Santo

Deixei para o fim a evidência que me parece mais decisiva, e que curiosamente é a mais fácil de verificar. Qualquer leitor pode conferi-la com a Bíblia aberta.

ROMANOS 7.7-25

O Espírito não é mencionado nenhuma vez

A Lei aparece repetidamente e o eu é o centro absoluto da luta. O Espírito Santo está ausente do texto inteiro.

Zero ocorrências

ROMANOS 8

Cerca de dezenove referências

A pessoa e a obra do Espírito Santo dominam o capítulo, do primeiro versículo ao último.

Dezenove ocorrências

Essa assimetria não é acidental. Ela revela a essência do argumento de Paulo. Romanos 7 descreve o ser humano tentando cumprir a vontade de Deus pela força da própria carne, sem o Espírito. Romanos 8 descreve o ser humano capacitado e dirigido pelo Espírito de Deus.

É o homem moral ou religioso tentando cumprir a vontade de Deus com a sua própria força. O resultado é inevitável: derrota, cativo e desespero. Deus permite essa frustração para nos levar ao fim de nós mesmos, para que gritemos por socorro.

O perigo da interpretação equivocada

Chego ao ponto que mais me preocupa como pastor.

Se até o apóstolo Paulo era carnal e seguia escravo do pecado, incapaz de fazer o bem desejado, o que dirá dos recém-convertidos e dos demais cristãos que não chegaram à maturidade dele? A

mensagem prática que chega ao banco da igreja é: aceite a sua derrota, pois até Paulo era derrotado.

Faço questão de dizer que essa não é a conclusão que os defensores da leitura agostiniana tiram do texto, nem a que pregam. Ela é o que a pregação popular fez com o texto, e é isso que estou combatendo. Tenho ouvido essa frase por décadas: “Pastor, nem Paulo conseguia.”

Luta não é escravidão.

Afirmar que Romanos 7 não descreve o cristão não significa dizer que o cristão não enfrenta lutas. Os defensores de ambas as posições concordam que os cristãos lutam contra o pecado ao longo de toda a vida (Gl 5.17; 1Jo 1.8-9) e que podem e devem crescer em santificação pelo poder do Espírito.

A diferença decisiva.

Os cristãos travam essa luta com confiança na força do Espírito que neles habita, revestidos de toda a armadura de Deus (Ef 6.10-17). Continuam sujeitos a tropeços (Tg 3.2), mas contam com o auxílio daquele que é poderoso para os guardar de tropeços (Jd 24). Há diferença abissal entre ser escravo derrotado e ser soldado que eventualmente tropeça, mas tem poder para vencer.

Cartões de memorização

Frente	Verso
Romanos 7.5-6 <i>Chave estrutural</i>	O v. 5 é detalhado em 7.7-25; o v. 6 é detalhado em 8.1-17.
Adão e Cristo <i>Pano de fundo</i>	Rm 5.12-21 é a espinha dorsal de tudo o que se segue nos caps. 6 a 8.
aphormē <i>Grego</i>	Cabeça de ponte: o pecado usa a Lei como base de operações (Rm 7.8,11).
Quem viveu sem lei? <i>Pista decisiva</i>	Adão. Único que viveu sem mandamento e morreu ao transgredi-lo (Rm 7.9-11).
A virada de Agostinho <i>História</i>	Antes lia Rm 7.14-25 como não regenerado; mudou na controvérsia pelagiana.
Prosopopeia e diatribe <i>Retórica</i>	Paulo usa o eu em persona e dialoga com interlocutores fictícios por toda a carta.
	Libertados do pecado x vendido à escravidão do pecado.

Frente	Verso
Romanos 6.18,22 x 7.14 <i>Contradição 1</i>	
Romanos 8.9 x 7.14 <i>Contradição 2</i>	Não estão na carne, mas no Espírito x sou carnal.
O silêncio do Espírito <i>Evidência simples</i>	Zero menções em Rm 7.7-25; cerca de dezenove em Rm 8.
Luta x escravidão <i>Distinção final</i>	Soldado que tropeça e tem poder para vencer, e não escravo derrotado.

Avaliação

1. Por que Romanos 7.5-6 é a chave estrutural do capítulo?

1. Porque contém a única menção ao Espírito Santo no capítulo.
2. Porque encerra o argumento iniciado em Romanos 1.
3. Porque o v. 5 descreve a vida pregressa, detalhada em 7.7-25, e o v. 6 a vida atual, detalhada em 8.1-17.
4. Porque é o único trecho em que Paulo fala na primeira pessoa do plural.

Resposta: (c) Correto. Tanto 7.6 quanto 8.1 são introduzidos pelo advérbio agora, reforçando o contraste.

2. Que pista, no versículo 9, aponta para Adão?

1. A afirmação “antes, eu vivia sem lei”, pois Adão foi o único que viveu sem mandamento proibitivo.
2. A menção explícita ao nome de Adão.
3. A referência ao jardim do Éden.
4. A citação do décimo mandamento.

Resposta: (a) Correto, e o verbo enganou (v. 11) é o mesmo da Septuaginta em Gn 3.13, para a ação da serpente.

3. Qual é a contradição insustentável entre Romanos 7.14 e Romanos 6?

1. Rm 6 afirma que o cristão não peca, e 7.14 admite tropeços.
2. Rm 6.18,22 declara os cristãos libertados do pecado, e 7.14 descreve o eu como vendido à escravidão do pecado.
3. Rm 6 fala de batismo e 7.14 fala de Lei.
4. Rm 6 é dirigido a judeus e 7.14 a gentios.

Resposta: (b) Correto. Ninguém é simultaneamente livre e escravo do pecado.

4. Qual evidência a aula considera a mais simples de verificar?

1. A mudança dos tempos verbais entre os vv. 13 e 14.
2. A citação de Isaías no capítulo 8.
3. O uso da palavra grega para carne.
4. A ausência total do Espírito Santo em 7.7-25, contra cerca de dezenove menções em Romanos 8.

Resposta: (d) Correto. A assimetria revela a essência do argumento de Paulo.

5. Qual é o perigo pastoral da interpretação que aplica Romanos 7.14-25 ao cristão maduro?

1. Levar as pessoas a negar que existam lutas na vida cristã.
2. Produzir orgulho espiritual nos que professam vitória.
3. Fazer chegar ao banco da igreja a mensagem de que a derrota é normal, pois nem Paulo conseguia.
4. Diminuir a autoridade das epístolas paulinas.

Resposta: (c) Correto, e a aula ressalva que essa não é a conclusão pregada pelos defensores sérios da leitura agostiniana.

Para refletir

Leia Romanos 7.14-25 em voz alta e depois Romanos 8.1-17. Que impressão cada trecho causa, e o que muda entre eles?

O exercício costuma ser mais persuasivo do que qualquer argumento. O primeiro trecho é claustrofóbico: o eu aparece dezenas de vezes, a Lei é constante e não há saída. O segundo respira: o Espírito domina o capítulo, aparece a linguagem de filiação e adoção, e o clima passa do cativo ao clamor “Aba, Pai”. Vale contar as ocorrências do Espírito nos dois trechos: zero e cerca de dezenove.

Como você conversaria com um irmão que diz: “Pastor, nem Paulo conseguia”?

Primeiro, ouvindo o que está por trás da frase, que quase sempre é cansaço de tentar e fracassar. Depois, mostrando que a frase depende de uma decisão exegética que pode ser examinada, e não de um dado óbvio do texto. E, por fim, lendo com ele Romanos 6.18-22 e 8.1-2,9, perguntando de quem Paulo está falando ali. O objetivo não é vencer uma discussão, e sim devolver a esperança que uma leitura equivocada tirou.

Para casa

Ler Romanos 7.7-25 e marcar todas as ocorrências da palavra Espírito. Depois fazer o mesmo em Romanos 8.1-17. Trazer as duas contagens para a próxima aula.

Próxima aula: Aula 11 — Romanos 8 e a vida no Espírito. Se o capítulo 7 é o diagnóstico, o 8 é a cura, e a igreja não pode se contentar em pregar o diagnóstico.

Aula 10 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br

Romanos 8 e a vida no Espírito

“Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, livrou você da lei do pecado e da morte.”

Romanos 8.2 · NAA

Leitura prévia: Romanos 8.1-17; Romanos 8.31-39; Ezequiel 36.25-27; Judas 24-25

Bispo Ildo Mello

Nenhuma condenação, e uma troca de leis

“Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, livrou você da lei do pecado e da morte.” *Romanos 8.1-2*

Observe a troca de leis. O crente foi liberto da lei do pecado e da morte, a força que puxava para baixo em todo o capítulo 7, pela lei do Espírito da vida, que é a dinâmica da graça capacitando para viver para Deus.

“Porque o que era impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso Deus fez enviando o seu próprio Filho... a fim de que o preceito da lei se cumprisse **em nós**, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8.3-4). Repare na preposição. Paulo não diz que a justiça da lei se cumpriu *por* nós, no sentido de uma imputação forense. Diz que ela se cumpre *em* nós.

Aqui se cumpre a promessa profética que vimos na Aula 2: “Porei dentro de vocês o meu Espírito e farei com que andem nos meus estatutos” (Ez 36.27). O que a Lei exigia sem poder produzir, o Espírito produz.

Duas mentalidades, sem meio-termo

ESFERA 1

A mente voltada para a carne

É inimizado contra Deus, não se sujeita à lei de Deus, nem mesmo pode. Por isso “os que estão na carne não podem agradar a Deus”. É exatamente a incapacidade descrita no capítulo 7.

Rm 8.6-8

ESFERA 2

A mente voltada para o Espírito

É vida e paz. E Paulo acrescenta imediatamente: “Vocês, porém, não estão na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês.”

Rm 8.6,9

Note o que Paulo faz. Ele descreve a incapacidade do capítulo 7 como característica dos que estão na esfera da carne, e afirma categoricamente que os cristãos não estão mais nessa condição.

O teste de um cristão genuíno, portanto, está na habitação e na direção do Espírito, e não numa perfeição absoluta que ninguém alcança. “Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (v. 9).

Adoção, herança e certeza

A vida no Espírito alcança também o âmbito das relações, e não somente o da conduta. E este é um dos aspectos mais preciosos da herança wesleyana.

“Porque vocês não receberam o espírito de escravidão, para viverem outra vez atemorizados, mas receberam o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai! O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.” *Romanos 8.15-16*

O Espírito expulsa o medo escravizador, que é exatamente o clima do capítulo 7, e dá a certeza da filiação. Wesley chamava isso de **o testemunho do Espírito**, e fez dele uma das colunas da sua teologia.

Ele mesmo passou anos sem essa certeza.

No diário, registrou: “por meu esforço contínuo em manter toda a sua lei, fui persuadido de que poderia ser aceito por ele”. Visitava prisões, ajudava pobres e doentes, jejuava às quartas e sextas. E, no entanto: “depois de continuar por muitos anos neste curso, vi-me perto da morte. E não pude me certificar de que tudo isto me deu algum conforto, ou alguma segurança da aceitação para com Deus.”

A avaliação impiedosa da Geórgia.

“Todo o tempo em que estive em Savannah, estava dando socos no ar. Ignorante sobre a retidão de Cristo, que, através de uma fé viva nele, traz a salvação a todo aquele que crê.”

E então, em 24 de maio de 1738.

“Senti meu coração estranhamente aquecido. Senti que confiei em Cristo, Cristo apenas, para a salvação; e uma garantia me foi dada de que ele tinha tomado meus pecados, até mesmo os meus,

e me havia salvo da lei do pecado e da morte.” Note a expressão final: Wesley usou, para descrever a sua conversão, exatamente as palavras de Romanos 8.2.

A vitória não é automática

“Porque, se vocês viverem segundo a carne, caminharão para a morte; mas, se, pelo Espírito, fizerem morrer os feitos do corpo, viverão.” *Romanos 8.13*

1. É dirigido a cristãos

Paulo escreve isto a pessoas que, no capítulo 6, ele já havia declarado mortas para o pecado. O fato de terem morrido não impede que continuem a sentir as inclinações da carne, que precisam ir sendo mortificadas dia após dia.

2. Não é um ato único

A construção condicional descreve uma prática que precisa ser mantida, e o próprio Paulo a apresenta como condição da vida. A batalha continua; o que mudou foi quem tem o poder.

3. Uma advertência séria

“Se vocês viverem segundo a carne, caminharão para a morte.” Paulo não considera impossível que um crente volte a viver segundo a carne. Se fosse impossível, a advertência seria retórica vazia.

Quando Paulo lista o que não pode nos separar do amor de Deus (Rm 8.38-39), ele menciona morte, vida, anjos, principados, potestades, altura, profundidade, o presente e o porvir. Não menciona o próprio crente. A liberdade que temos em Cristo inclui a liberdade que Adão e Eva tinham no Éden: a de permanecer ou a de se afastar.

Somos mais que vencedores

“Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou.” *Romanos 8.37*

Compare com o clima do capítulo anterior. Ali, o eu era prisioneiro, derrotado, desesperado. Aqui, o cristão é mais que vencedor. É o mesmo autor, na mesma carta, a poucos versículos de distância. As duas descrições não podem se referir à mesma pessoa na mesma condição.

Troçamos, mas podemos não tropeçar

O Novo Testamento contém afirmações que parecem apontar em direções opostas, e uma doutrina responsável precisa acomodar as duas.

“Porque todos troçamos em muitas coisas.”

Tg 3.2

“E a perseverança deve ter ação completa, para que vocês sejam perfeitos e íntegros.” (o mesmo Tiago)

Tg 1.4

“Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos.”

1Jo 1.8

“Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado.” (o mesmo João)

1Jo 5.18

1. **Tropeçar não é o mesmo que viver em pecado.** João distingue entre cair num pecado e ter o pecado como modo de vida, e a distinção não depende de sutileza gramatical, mas do que ele escreve. Em 1Jo 2.1 ele diz que escreve “para que vocês não pequem” e acrescenta: “se alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai”.

- **Existe diferença entre o inevitável e o normal.** Tiago diz que todos tropeçamos, e é verdade. Mas não diz que devemos tropeçar, nem que tropeçar seja o objetivo.
- **O pecado que persiste não é o mesmo que o pecado que reina.** A doutrina não afirma que o pecado desapareceu do universo do crente; afirma que ele deixou de governar.

Um cuidado sobre 2 Pedro 1.10.

O verbo grego ali (*ptaíō*) tem, no contexto, o sentido de fracassar no caminho, e Pedro fala de perseverança no chamado e na eleição, e não de cada pecado isolado. Seria forçar o texto usá-lo para provar que um cristão pode passar a vida sem cometer pecado algum. O que se pode afirmar com segurança é mais modesto, e ainda assim é muito: nenhum pecado particular é inevitável no sentido de que Deus obrigue a pessoa a cometê-lo ou lhe negue a graça suficiente para obedecer (1Co 10.13).

E há um recurso que a Escritura oferece e que costumamos esquecer: “Àquele que é poderoso para os guardar de tropeços e para os apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória” (Jd 24). Deus é capaz de guardar. Não somos deixados sozinhos com a nossa determinação.

Cartões de memorização

Frente	Verso
A troca de leis <i>Romanos 8.2</i>	A lei do Espírito da vida liberta da lei do pecado e da morte.
A preposição decisiva <i>Romanos 8.4</i>	O preceito da lei se cumpre em nós, e não apenas <i>por</i> nós.
Ezequiel 36.27 <i>Cumprimento</i>	O que a Lei exigia sem poder produzir, o Espírito produz.

Frente	Verso
O teste do cristão genuíno <i>Romanos 8.9</i>	A habitação e a direção do Espírito, e não a perfeição absoluta.
O testemunho do Espírito <i>Wesley</i>	Rm 8.16. O Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.
Aldersgate <i>24 de maio de 1738</i>	Wesley descreveu a sua conversão com as palavras exatas de Romanos 8.2.
Mortificação diária <i>Romanos 8.13</i>	Prática que precisa ser mantida, apresentada como condição da vida.
O que não está na lista <i>Romanos 8.38-39</i>	O próprio crente. A liberdade inclui a de permanecer ou se afastar.
Tropear x viver em pecado <i>Distinção</i>	1Jo 2.1 prevê a queda e oferece o Advogado; 1Jo 3.9 exclui o pecado como modo de vida.
2 Pedro 1.10 <i>Cuidado exegético</i>	<i>ptaíō</i> é fracassar no caminho; o contexto é perseverança, não impecabilidade.

Avaliação

1. Qual é a força da preposição em Romanos 8.4?

1. Indica que a justiça da lei foi cumprida por Cristo em nosso lugar, sem efeito em nós.
2. Indica que o preceito da lei se cumpre **em** nós, e não apenas por nós.
3. Indica que a lei foi abolida e nada mais se cumpre.
4. Indica que o cumprimento é apenas futuro.

Resposta: (b) Correto. A santidade torna-se realidade prática, e não apenas declaração jurídica.

2. Qual é o teste de um cristão genuíno, segundo Romanos 8.9?

1. A ausência total de tentação.
2. A frequência às reuniões da igreja.
3. A habitação e a direção do Espírito Santo.
4. A perfeição absoluta de conduta.

Resposta: (c) Correto. “Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.”

3. Por que Romanos 8.13 mostra que a vitória não é automática?

1. Porque é dirigido a cristãos e descreve uma prática que precisa ser mantida, apresentada como condição da vida.
2. Porque afirma que o cristão não tem poder algum sobre o pecado.
3. Porque se dirige apenas aos que ainda não creram.
4. Porque nega a advertência sobre viver segundo a carne.

Resposta: (a) Correto. O fato de terem morrido para o pecado não impede que continuem mortificando os feitos do corpo.

4. O que é significativo na lista de Romanos 8.38-39?

1. Que ela inclui todos os perigos espirituais possíveis.
2. Que ela menciona o pecado como o maior inimigo.
3. Que ela prova a impossibilidade absoluta de apostasia.
4. Que ela não menciona o próprio crente entre as coisas que não podem separá-lo do amor de Deus.

Resposta: (d) Correto. A liberdade em Cristo inclui a de permanecer ou de se afastar.

5. Qual é o cuidado exegético que a aula recomenda quanto a 2 Pedro 1.10?

1. Traduzir tropeçar por pecar, para tornar o texto mais claro.
2. Não usá-lo para provar que um cristão pode viver sem cometer pecado algum, pois o contexto é perseverança no chamado.
3. Considerá-lo uma interpolação tardia.
4. Aplicá-lo apenas aos apóstolos.

Resposta: (b) Correto. O que se afirma com segurança é que nenhum pecado é inevitável, porque sempre há saída (1Co 10.13).

Para refletir

Você tem vivido mais a angústia de Romanos 7 ou a liberdade de Romanos 8? O que explica isso?

A pergunta não busca autoacusação, e sim diagnóstico. Quem vive em Romanos 7 costuma estar tentando obedecer pela força da própria carne, muitas vezes com sinceridade e disciplina notáveis, como o Wesley anterior a Aldersgate. A saída não é esforçar-se mais, e sim render-se e receber. Vale reler Rm 8.1-4 e 15-16 pedindo a Deus o testemunho do Espírito, que expulsa o medo escravizador.

Que feito do corpo, concretamente, precisa ser mortificado por você nesta semana, e como o Espírito ajuda nisso?

Mortificar não é reprimir com força de vontade, que é o método de Romanos 7. É agir na dependência declarada do Espírito: nomear o hábito, confessá-lo a alguém de confiança (Tg 5.16),

remover as ocasiões que o alimentam e pedir diariamente a graça específica para aquele ponto. Note que Rm 8.13 diz “pelo Espírito”, e não “com os seus próprios recursos”.

Para casa

Ler Romanos 8 inteiro, em voz alta, três vezes durante a semana, e anotar todas as coisas que o Espírito faz no crente segundo o capítulo.

Próxima aula: Aula 12 — Wesley e as fronteiras da doutrina. Como a perfeição cristã tomou forma ao longo de cinquenta anos, e as sete negações que protegem a doutrina da caricatura.

Aula 11 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br

Wesley e as fronteiras da doutrina

“Todos nós, pois, que somos maduros, tenhamos este modo de pensar.”

Filipenses 3.15 · NAA

Leitura prévia: Filipenses 3.7-16; Hebreus 6.1; 1 João 4.16-21; Colossenses 2.16-23

Bispo Ildo Mello

Uma doutrina que levou cinquenta anos para tomar forma

A perfeição cristã, como Wesley a ensinou, não nasceu pronta. Conhecer essa história ajuda a entender a doutrina e, sobretudo, ajuda a não repetir os erros que ele já cometeu e reconheceu.

1. **1725.** Aos vinte e dois anos, lê Jeremy Taylor e resolve dedicar a Deus toda a vida, “plenamente convencido de que não há meio-termo”.
- **1726.** Lê Tomás de Kempis e descobre a religião do coração: simplicidade de intenção e pureza de afeto.
- **1727-1728.** Lê William Law e se convence “da absoluta impossibilidade de ser cristão pela metade”.
- **1729.** Passa a estudar a Bíblia como única norma de verdade. A partir de 1730 se descreveria como *homo unius libri*, o homem de um só livro.
- **1733.** Prega em Oxford “A circuncisão do coração”. A definição dada ali permaneceu inalterada por cinquenta anos.
- **1735-1738.** O fracasso da Geórgia. “Estava dando socos no ar.”
- **1738.** Aldersgate. Descobre a justificação pela fé, aos trinta e cinco anos.
- **1742.** Publica *O Caráter de um Metodista*: metodista é quem ama o Senhor de todo o coração.
- **1759 e 1764.** Sistematiza a doutrina e a resume nas onze proposições.

Repare no essencial: Wesley pregou o alvo da vida cristã em 1733, **cinco anos antes** de ter certeza da própria justificação. O que lhe faltava não era o alvo; era o caminho. E ele buscou a santidade por esforço próprio durante treze anos, e falhou. A doutrina que ele ensinaria depois nasceu justamente da falência daquele método.

Wesley corrigindo Wesley

Aqui está um dos aspectos mais admiráveis da história, e um dos mais úteis para nós.

Na primavera de 1741 saiu um prefácio que Wesley considerava “o relato mais forte que jamais demos” sobre a perfeição. Anos depois, ao reeditar a obra, ele acrescentou notas corrigindo os próprios excessos.

Onde havia escrito que o cristão perfeito não deseja alívio na dor, anotou que isso era ir longe demais. Onde havia sugerido isenção de pensamentos errantes, corrigiu. Onde havia insinuado liberdade de toda tentação, retificou.

Wesley não defendeu a sua primeira formulação por orgulho de autoria; corrigiu-a à luz da Escritura e da experiência, e publicou as correções junto com o texto original, para que todos vissem. Quem quiser ensinar esta doutrina hoje faria bem em imitar essa disposição. As formulações mais entusiasmadas costumam ser as mais frágeis.

As onze proposições de 1764

Em 1764, depois de quarenta anos de reflexão e de todas as controvérsias, Wesley resumiu o assunto em onze proposições. Quase todas as objeções que se levantam contra a doutrina já estão respondidas ali, por ele mesmo.

1. Existe algo como a perfeição, pois ela é mencionada repetidas vezes na Escritura.

- Não é tão cedo quanto a justificação, pois os justificados devem avançar para a perfeição (Hb 6.1).
- Não é tão tarde quanto a morte, pois Paulo fala de homens vivos que eram perfeitos (Fp 3.15).
- Não é absoluta. A perfeição absoluta não pertence ao homem, nem aos anjos, mas só a Deus.
- Não torna o homem infalível: ninguém é infalível enquanto permanece no corpo.
- É “sem pecado”? Não vale a pena disputar por um termo. É salvação do pecado.
- É o amor perfeito (1Jo 4.18). Os seus frutos inseparáveis: alegrar-se sempre, orar sem cessar e em tudo dar graças.
- É suscetível de crescimento. Quem foi aperfeiçoado no amor pode crescer na graça muito mais depressa do que antes.
- É passível de ser perdida, de que temos numerosos casos.
- É constantemente precedida e seguida por uma obra gradual.
- É, em si mesma, instantânea? Em alguns a mudança foi instantânea; em outros, não foi percebida assim. É difícil perceber o instante em que um homem morre, e contudo há um instante em que a vida cessa.

Sete coisas que a perfeição cristã não é

Nenhuma doutrina foi mais caricaturada do que esta, e boa parte da culpa cabe a quem a defende sem cuidado. Esta seção é a mais importante para quem pretende ensinar o assunto.

1. Onisciência

O cristão inteiramente santificado não sabe mais do que sabia. Wesley: “Não são perfeitos em conhecimento. Não estão livres da ignorância.”

2. Infalibilidade

O amor não confere juízo infalível, nem sobre a Escritura, nem sobre pessoas, nem sobre decisões práticas. Nem o amor nem a unção do Espírito nos tornam infalíveis.

3. Ausência de fraquezas

Doenças, cansaço, depressão, limitações de temperamento, lentidão de raciocínio, esquecimento. Nada disso é abolido pela santificação.

4. Impossibilidade de erro de julgamento

Erros de juízo produzem, muitas vezes necessariamente, palavras e ações inadequadas. Uma pessoa pode agir com amor puro e ainda assim agir mal, por avaliar mal os fatos.

5. Incapacidade de crescimento

Não existe nenhum nível de perfeição que não admita um contínuo crescimento. Ao contrário: quem foi aperfeiçoado no amor cresce mais depressa do que antes.

6. Igualdade com Deus

Só Deus é santo em sentido absoluto (Ap 15.4). A santidade que recebemos é participação, e não igualdade.

7. Impossibilidade de cair

A nona proposição é explícita: a perfeição é passível de ser perdida. Wesley acrescentou, com honestidade rara, que só se convencera plenamente disso alguns anos antes.

Mesmo o cristão inteiramente santificado continua dependente da graça, da oração, das Escrituras, da comunhão da Igreja e da obra contínua do Espírito. Respondendo à objeção de que os santificados dispensariam Cristo, Wesley foi direto: “Dizem justamente o contrário. A sua linguagem é: A cada momento, Senhor, preciso do mérito da tua morte!” Este é o teste mais confiável de autenticidade.

O caso de Filipenses 3

O texto que sempre se levanta contra a doutrina é Filipenses 3.12, e ele merece tratamento cuidadoso.

“Não que eu já tenha recebido isso ou já tenha obtido a perfeição, mas prossigo...”

Fp 3.12

“Todos nós, pois, que somos maduros [*teleioi*], tenhamos este modo de pensar.”

Fp 3.15

O mesmo apóstolo, no mesmo parágrafo, diz que não é perfeito e se inclui entre os perfeitos. Não há contradição, porque as palavras estão sendo usadas em sentidos diferentes.

E há um dado do contexto que resolve a questão. O que Paulo diz não ter alcançado é definido nos versículos anteriores: “para conhecê-lo, e o poder da sua ressurreição, e a participação nos seus sofrimentos... para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos” (Fp 3.10-11). O alvo que ele ainda não alcançou é a ressurreição e a plena conformidade com Cristo na glória, coisa que ninguém alcança antes da morte.

Existe uma perfeição cristã real, no sentido de maturidade e inteireza de coração, e continua existindo crescimento ilimitado na graça. Perfeição cristã não significa que não podemos crescer mais. Significa que o amor pode governar plenamente o coração enquanto continuamos crescendo nesse amor.

Os sete conselhos aos que professavam a experiência

Cada uma destas advertências nasceu de um problema real que Wesley viu acontecer no avivamento de 1762.

1. **Contra o orgulho.** “Se Deus o expulsou, veja que ele não entre mais... E você pode escorregar de volta a ele sem perceber, sobretudo se pensa que não há perigo disso.” Quem se julga imune ao orgulho já está sendo dominado por ele.
- **Contra o fanatismo.** “Guarde-se daquela filha do orgulho, o fanatismo... Não suponha facilmente que sonhos, vozes, impressões, visões ou revelações venham de Deus.” Note o parentesco que ele estabelece.
 - **Contra o antinomismo.** “Guarde-se de anular a lei, ou qualquer parte dela, pela fé. O fanatismo leva naturalmente a isso.”
 - **Contra os pecados de omissão.** “Não perca oportunidade de fazer o bem de qualquer espécie.” Uma santidade que consiste apenas em não fazer o mal não é santidade cristã (Tg 4.17).
 - **Contra os desejos concorrentes.** “Guarde-se de desejar coisa alguma senão a Deus.”
 - **Contra a divisão.** “Guarde-se de fazer rasgo na Igreja de Cristo.” A advertência tem ironia histórica dolorosa, porque muitos movimentos de santidade dividiram igrejas em nome da santidade.
 - **Sobre o exemplo.** “Seja exemplar em tudo, particularmente nas coisas exteriores, nas pequenas coisas, no modo de gastar o seu dinheiro, evitando toda despesa desnecessária.”

Há ainda um desvio que Wesley combateu com energia particular. Comentando 2 Pedro 1.7, escreveu: “Nada de carranca, severidade ou mau humor: a chamada piedade azeda é do diabo.” A santidade bíblica é firme sem ser amarga, fiel sem ser sectária, zelosa sem perder o amor. Quando o zelo pela verdade produz uma pessoa desagradável, alguma coisa deu errado, por mais ortodoxa que seja a doutrina professada.

Nem toda santidade é bíblica

Reconhecer as falsificações é parte de entender a doutrina verdadeira.

TIPO 1

Farisaica

Limpa o exterior e deixa o interior sujo. Vive de reputação religiosa e mede-se por comparação com os outros.

TIPO 2

Legalista e ascética

“Não manuseie, não prove, não toque.” Parece rigorosa, mas “não tem valor algum contra a sensualidade”. A santidade bíblica não despreza corpo, casamento ou criação.

Cl 2.21-23; 1Tm 4.1-4

TIPO 3

Ritualista

Preserva as formas e sacrifica pessoas. Contra ela, a palavra que Jesus citou duas vezes: “Misericórdia quero e não sacrifício.”

Os 6.6; Mt 9.13; 12.7

TIPO 4

Ideológica, terapêutica, de palco e sem missão

A tribo política acima do senhorio de Cristo; Deus como meio para o meu bem-estar; talento confundido com fruto; pureza enclausurada sem compaixão pelos perdidos.

Mt 7.16; Tg 1.27

O critério final é simples: **isto se parece com Jesus?** Nele vemos pureza sem orgulho, verdade sem crueldade, zelo sem fanatismo, misericórdia sem conivência, separação do pecado sem afastamento dos pecadores. Diante da mulher surpreendida em adultério, ele diz duas coisas: “Nem eu a condeno” e “vá e não peque mais” (Jo 8.11). A falsa santidade separa o que Jesus uniu.

O que aconteceu depois de Wesley

A maneira como recebemos hoje a doutrina foi moldada por dois séculos de desenvolvimentos que nem sempre foram fiéis à formulação original.

1. O reavivamento e a teologia do altar

Phoebe Palmer tornou a experiência acessível e desfez a expectativa de emoções extraordinárias. O elemento problemático é que, reduzida a um silogismo, a inteira santificação corre o risco de virar conclusão lógica, e não obra do Espírito.

2. Os excessos do século XIX

Falou-se em erradicação da natureza pecaminosa, algo que Wesley nunca afirmou. Exigiu-se que todos datassem uma segunda experiência. Multiplicaram-se regras exteriores como marcas de santidade.

3. O deslocamento pentecostal

A linguagem do batismo com o Espírito foi reinterpretada como capacitação para o serviço. As duas coisas são bíblicas (At 15.9 e At 1.8); o problema é quando uma substitui a outra. Poder sem purificação produz ministérios fortes conduzidos por caráter frágil.

4. O declínio no século XX

Reação aos excessos, influência da teologia liberal e da reformada, acomodação institucional e troca do conteúdo pela técnica. Wesley previu: “temo que existam apenas como uma seita morta, com a forma de religião sem o poder”.

Quatro lições dessa trajetória: ater-se à formulação bíblica, sem pôr a perfeição alto demais nem baixo demais; não confundir a experiência com a sua descrição; manter unidas a purificação e a capacitação; e manter a doutrina ligada à misericórdia, porque toda vez que a santidade se separou do cuidado com os pobres, ela azedou.

Cartões de memorização

Frente	Verso
1733, cinco anos antes <i>Cronologia</i>	Wesley pregou o alvo da vida cristã antes de ter certeza da própria justificação.
Wesley corrigindo Wesley <i>Método</i>	Publicou as próprias correções junto com o texto original, para que todos vissem.
Proposição 2 e 3 <i>1764</i>	Não é tão cedo quanto a justificação (Hb 6.1) nem tão tarde quanto a morte (Fp 3.15).
Proposição 4 e 5 <i>1764</i>	Não é absoluta e não torna o homem infalível.
Proposição 7 <i>1764</i>	É o amor perfeito (1Jo 4.18). Frutos: alegrar-se sempre, orar sem cessar, em tudo dar graças.
Proposição 8 e 9 <i>1764</i>	É suscetível de crescimento e é passível de ser perdida.
A linguagem do santificado <i>Teste de autenticidade</i>	“A cada momento, Senhor, preciso do mérito da tua morte!”
Como conciliar 3.12 e 3.15 <i>Filipenses 3</i>	O que Paulo não alcançou é a ressurreição e a plena conformidade na glória (3.10-11).
Primeira advertência <i>1763</i>	Contra o orgulho. Quem se julga imune a ele já está sendo dominado.

Frente	Verso
Piedade azeda <i>Wesley</i>	Dureza, mau humor e severidade sem ternura. Comentando 2Pe 1.7, ele a chama de coisa do diabo.

Avaliação

1. O que a cronologia de Wesley revela sobre a relação entre o alvo e o caminho?

1. Que ele só descobriu o alvo depois de Aldersgate.
2. Que ele tinha clareza sobre o alvo em 1733, mas passou treze anos buscando-o por esforço próprio, e falhou.
3. Que ele mudou de doutrina após a Geórgia.
4. Que ele abandonou a busca da santidade ao descobrir a justificação pela fé.

Resposta: (b) Correto. A doutrina que ele ensinaria depois nasceu da falência daquele método.

2. Qual das onze proposições responde à acusação de que a doutrina ensina impecabilidade?

1. A primeira, que afirma a existência da perfeição.
2. A segunda, sobre o momento em que ocorre.
3. A décima, sobre a obra gradual.
4. A quarta e a quinta: não é absoluta e não torna o homem infalível.

Resposta: (d) Correto, com o reforço da sexta: não vale a pena disputar por um termo; é salvação do pecado.

3. Como se concilia Filipenses 3.12 com Filipenses 3.15?

1. Admitindo que Paulo se contradiz.
2. Supondo que o v. 15 foi acrescentado depois.
3. Observando que o alvo não alcançado é a ressurreição e a plena conformidade na glória (vv. 10-11), e não a maturidade presente.
4. Concluindo que teleios em 3.15 significa apenas sinceros.

Resposta: (c) Correto. As palavras estão sendo usadas em sentidos diferentes no mesmo parágrafo.

4. Segundo Wesley, qual é o teste mais confiável de que alguém entendeu corretamente a doutrina?

1. A pessoa continua dizendo: a cada momento, Senhor, preciso do mérito da tua morte.
2. A pessoa consegue datar com precisão a sua experiência.
3. A pessoa deixa de sentir tentação.
4. A pessoa passa a ter juízo infalível sobre as Escrituras.

Resposta: (a) Correto. Quem professa a experiência e fala como se já não precisasse da graça está enganado sobre o que professa.

5. Qual foi o principal deslocamento provocado pela reinterpretação pentecostal do batismo com o Espírito?

1. A negação da obra do Espírito na santificação.
2. A ênfase passou da purificação do coração para a capacitação para o serviço.
3. A rejeição da herança wesleyana.
4. O abandono da linguagem do batismo com o Espírito.

Resposta: (b) Correto. As duas são bíblicas (At 15.9 e At 1.8); o problema é quando uma substitui a outra.

Para refletir

Qual das sete negações você mais precisava ouvir, e por quê?

Vale escolher uma só e examinar de onde veio a expectativa equivocada. A mais necessária costuma ser a terceira ou a quarta, porque muita gente confunde santificação com cura de temperamento, de feridas ou de limitações intelectuais, e depois conclui que a doutrina é falsa quando essas coisas permanecem. Wesley repetia à exaustão que a perfeição não elimina ignorância, erro de juízo, cansaço nem fraqueza.

Existe alguma piedade azeda em você, no sentido em que Wesley usou a expressão?

O sintoma é simples de reconhecer: o zelo pela verdade produzindo uma pessoa desagradável. Dureza no trato, ironia com quem erra, prazer discreto em apontar o desvio alheio, incapacidade de rir. Wesley chamava isso de coisa do diabo, e a expressão é dele, não minha. O antídoto não é afrouxar a doutrina, e sim lembrar que a santidade bíblica é firme sem ser amarga, e que o critério final é a pergunta: isto se parece com Jesus?

Para casa

Rer as onze proposições de 1764 e escrever, ao lado de cada uma, a objeção que ela responde. Trazer a lista para a próxima aula.

Próxima aula: Aula 13 — B. T. Roberts e a santidade bíblica. O que a nossa própria história acrescenta a Wesley: realismo pastoral, crítica às falsificações e santidade inseparável da justiça.

Aula 12 do curso *Perfeitos no Amor*, preparado a partir do livro *Perfeitos no Amor: o ensino bíblico sobre a perfeição cristã e a inteira santificação*, de Bispo Ildo Mello. Citações bíblicas na Nova Almeida Atualizada (NAA). metodistalivre.org.br

B. T. Roberts e a santidade bíblica

“No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo.”

1 João 4.18 · NAA

Leitura prévia: 1 João 4.7-21; Apocalipse 2.1-7; Tiago 1.22-27; Mateus 23.23-28

Bispo Ildo Mello

Quem foi Benjamin Titus Roberts

Se Wesley formulou a doutrina, Roberts a defendeu numa época em que o metodismo americano já a estava abandonando na prática.

Roberts foi levado a julgamento na Conferência de Genesee em 1857, recebendo censura, e expulso da Igreja Metodista Episcopal em 1858. A Igreja Metodista Livre foi organizada dois anos mais tarde, em agosto de 1860, em Pekin, no estado de Nova York.

Convém não simplificar as razões do conflito. A defesa da inteira santificação estava no centro da disputa, mas o choque envolvia também o embate entre o chamado New School Methodism e o metodismo antigo, os bancos alugados que separavam ricos e pobres nos templos, o favorecimento dos abastados, a posição sobre a escravidão, as sociedades secretas e o próprio funcionamento do poder eclesiástico.

O nome escolhido dizia tudo. Livre dos bancos alugados. Livre da escravidão, num país que ainda a praticava. Livre das sociedades secretas. Livre do formalismo. E livre, como se acrescentou depois, do autoritarismo piramidal.

A natureza da santidade

*“A santidade é a nossa completa renovação na imagem de Deus, o perfeito amor de Deus derramado no coração pelo Espírito Santo que nos foi dado, de modo que amamos a Deus de todo o coração, mente e força, e ao próximo como a nós mesmos.” B. T. Roberts, *Ensinos de Santidade*, cap. 22*

1. Derivada, não inata

“A santidade no homem é derivada. É a imagem da santidade de Deus: assemelha-se à santidade dele, embora fique infinitamente aquém dela.”

2. Não é moralidade filosófica

Ela não se confunde com autodomínio ou disciplina. Os pagãos tinham isso, e alguns em alto grau.

3. A crítica que continua atual

“Esforça-se por fazer os homens agirem melhor, sem lhes dizer como ser melhores. Põe grande ênfase em que façam coisas santas, sem insistir em que sejam santos.”

4. A fonte, não a repetição

“Não consiste na repetição de boas ações, mas é a condição graciosa da alma que impele à prática de todas as boas ações. É a fonte pura da qual flui continuamente água pura.”

Justificação e inteira santificação distinguidas

Roberts afirma, primeiro, que todo cristão é santificado na conversão, realmente tornado santo, com vitória sobre o pecado. Não é o caso de o justificado permanecer escravo. Mas ele não é *inteiramente* santificado.

“Alguns caem em perplexidade por confundir santificação com inteira santificação. Devemos ter cuidado de não fazê-lo.” *Ensinos de Santidade, cap. 31*

A imagem que ele usa para descrever a relação entre os dois estados é memorável: “Esses dois estados não estão tão distantes quanto muitos imaginam. Guardam entre si mais ou menos a relação entre **a erva daninha cortada e a erva daninha arrancada pela raiz.**”

A erva cortada não aparece; a superfície está limpa. Mas a raiz continua ali, e volta a brotar à primeira chuva. Arrancar pela raiz é outra coisa.

O justificado, na formulação dele, trava uma guerra em duas frentes: a externa, contra o mundo e o tentador, e a interna, contra as inclinações remanescentes. O inteiramente santificado trava apenas a externa. A batalha não acaba; muda de natureza.

Sobre a perfeição, com três distinções

1. **Perfeição por estágios.** Aplica-se ao filho de Deus em várias fases, como a planta de milho é perfeita em cada etapa do seu desenvolvimento.
- **Perfeição de amor.** “A perfeição que Deus requer é perfeição de amor. Em muitas coisas somos necessariamente imperfeitos, e sempre seremos; mas, pela graça de Deus, podemos tornar-nos perfeitos no amor.”
 - **Uma distinção que incomoda os apressados.** “Não devemos confundir a perfeição que o evangelho requer com o amor perfeito ou a inteira santificação: as Escrituras não usam esses termos como sinônimos.” E ainda: “Nunca lemos na Bíblia que alguém seja feito perfeito pela fé.”

O que ele quer dizer é o seguinte. A inteira santificação, como purificação do coração, é recebida pela fé. Mas a perfeição no sentido de maturidade comprovada vem pela fidelidade e pelo sofrimento ao longo do tempo. É o que Hebreus diz do próprio Cristo, que “aprendeu a obediência

pelas coisas que sofreu” e “tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o autor da salvação eterna” (Hb 5.8-9). Uma coisa é a purificação do coração; outra é o caráter provado.

E a frase que resolve a objeção da capacidade limitada: “Eu posso amar a Deus de todo o meu coração; um anjo não pode amá-lo mais do que de todo o seu coração.”

Como se obtém

Roberts apresenta quatro condições, e elas formam um roteiro que vale seguir.

CONDIÇÃO 1 E 2

Determinação e autopurificação

Determinação independente e abnegada, que não depende da aprovação dos outros. E santificar-se a si mesmo: purificar-se daquilo de que se pode purificar, antes de pedir a Deus aquilo que só ele faz.

“O homem não é máquina”

CONDIÇÃO 3 E 4

Confissão e confiança presente

Confessar os pecados inatos, o que Wesley chamou de arrependimento dos crentes. E confiar implicitamente em Cristo para que faça a obra **agora**. Enquanto se adia a obra para o futuro, ela fica adiada.

“Se como está, então espere-a agora”

“Devemos ir até o limite da nossa capacidade antes de ter direito a esperar auxílio sobrenatural. A santidade é estado voluntário: o ser humano não é máquina; só a sua liberdade de vontade o torna capaz de santidade.”

E no capítulo sobre buscar a santidade, um conselho de simplicidade desconcertante: “O modo de buscar a santidade é buscá-la.” Também: “Não espere que Deus faça o que ele lhe ordena que faça. Ele o ajudará, mas você deve ajudar a si mesmo. Nenhuma quantidade de oração toma o lugar da obediência.”

Como se conserva e como se perde

Aqui está a contribuição mais valiosa de Roberts, e o assunto que a pregação popular mais confunde.

1. Sobre a conservação

Ninguém precisa aprender a perder a saúde: a negligência basta. O mesmo vale para a santidade. “A Bíblia não nos ensina a perder a santidade; dá-nos direções bem explícitas de como conservá-la.”

2. O exemplo de Éfeso

Quem não cresce seca e se torna insensível, mantendo a profissão depois de perdida a bênção. O anjo da igreja em Éfeso era ortodoxo, zeloso e trabalhador incansável, e ainda assim foi declarado caído: “abandonou o seu primeiro amor” (Ap 2.4).

3. Três modos de perder

Por pecado atual, por dúvida e incredulidade, e por deixar de confessá-la. E ele distingue: quem cai em transgressão perde também a justificação e precisa voltar como pecador; quem perde a bênção por dúvidas ou por omissão do testemunho perde a santidade sem perder a justificação, e ainda é filho de Deus, santo apenas em parte.

“É evidente, pois, que quem experimentou a bênção da santidade pode perdê-la. **Não precisa; não deve; mas pode.**” E ele adverte contra generalizações: declarações genéricas sobre esse assunto raramente são verdadeiras. Cada caso precisa ser examinado.

Santidade defeituosa e santidade falsa

PATOLOGIA 1

Defeituosa

Verdadeira, mas incompleta. Falta-lhe espiritualidade e, sobretudo, lealdade suprema a Deus. Uma santidade que só reconhece a justiça quando ela é sancionada pela maioria, ou que faz da fidelidade à instituição o dever supremo, é traição a Deus, idolatria refinada.

Foi por esse princípio que Lutero e Wesley agiram

PATOLOGIA 2

Falsa

Edificada sobre suposição falsa: dar por justificados os que apenas ocupam posição respeitável numa igreja respeitável. Quem está sob condenação precisa primeiro de perdão; construir santidade sobre esse fundamento é obra que não subsiste.

“Nem tudo o que reluz é ouro”

“A santidade do dia é tão ineficaz porque é, em tanta parte, defeituosa: a carga não se move porque muito do vapor se perde; o remédio não cura porque combinado com tantas substâncias neutralizantes; o ouro não circula porque misturado com tanta liga.”

Sobre a mortificação: não adianta pratear a colher de ferro.

Roberts diagnostica o problema dos que professam sem apresentar fruto e conclui que estão tentando santificar o que não é capaz de santificação permanente: a velha natureza. A Escritura manda despojar-se dela, e não reformá-la. E acrescenta sobre o processo: “A crucificação era morte

demorada, não súbita, como a decapitação: a vítima podia agonizar por dias. Assim, ninguém morre para o mundo de uma só vez.”

Sobre a mente carnal: contra as fantasias erradicacionistas.

No capítulo mais técnico da obra, Roberts conclui que o ser humano tem uma só mente. Na inteira santificação, a inclinação da mente é mudada, mas a mente não é destruída e a liberdade da vontade não é abolida. “A mente carnal nunca é destruída a ponto de abolir a liberdade da vontade.” Isso encerra as fantasias sobre uma santificação que tornaria o pecado metafisicamente impossível.

O que Roberts acrescenta a Wesley

1. **Realismo pastoral.** Trata da perda e da recuperação da experiência com um detalhamento que Wesley não alcançou, e distingue casos que a pregação popular confunde.
- **Crítica às falsificações.** Os capítulos sobre santidade defeituosa e falsa são o melhor material que conheço sobre o assunto, e continuam atuais palavra por palavra.
 - **Santidade e justiça inseparáveis.** Para ele, uma santidade que convive com bancos alugados, com escravidão e com a exclusão dos pobres do templo já passou do defeituoso para o falso.

Cartões de memorização

Frente	Verso
1858 e 1860 <i>História</i>	Roberts foi expulso em 1858; a Igreja Metodista Livre organizou-se em 1860, em Peking.
Santidade, por Roberts <i>Definição</i>	Completa renovação na imagem de Deus e amor perfeito derramado no coração.
O defeito do ensino moral <i>Crítica</i>	Fazer os homens agirem melhor sem lhes dizer como ser melhores.
Erva cortada x arrancada <i>Imagem central</i>	A relação entre justificação e inteira santificação.
Duas frentes x uma <i>Guerra</i>	O justificado luta contra o exterior e o interior; o santificado, apenas contra o exterior.
A frase decisiva <i>Perfeição</i>	“Um anjo não pode amá-lo mais do que de todo o seu coração.”
Quatro condições <i>Como se obtém</i>	Determinação, autopurificação, confissão dos pecados inatos e confiança presente.
O modo de buscar <i>Conselho</i>	“O modo de buscar a santidade é buscá-la.” Sem ses que enfraqueçam a fé.

Frente	Verso
Pode ser perdida? <i>Realismo</i>	“Não precisa; não deve; mas pode.” Três modos: pecado, dúvida e omissão do testemunho.
Defeituosa x falsa <i>Diagnóstico</i>	Defeituosa é verdadeira e incompleta; falsa é edificada sobre suposição falsa.

Avaliação

1. Em que ano Roberts foi expulso, e em que ano a Igreja Metodista Livre foi organizada?

1. Expulso em 1860; igreja organizada em 1862.
2. Expulso e igreja organizada no mesmo ano, 1860.
3. Expulso em 1858; igreja organizada em 1860, em Pekin, Nova York.
4. Expulso em 1857; igreja organizada em 1858.

Resposta: (c) Correto, com julgamento e censura em 1857 antecedendo a expulsão.

2. O que a imagem da erva cortada e da erva arrancada pela raiz ilustra?

1. A relação entre a santificação recebida na conversão e a inteira santificação.
2. A diferença entre pecado original e pecado atual.
3. A diferença entre lei e graça.
4. A distinção entre santidade cerimonial e moral.

Resposta: (a) Correto. A superfície fica limpa, mas a raiz volta a brotar à primeira chuva.

3. Segundo Roberts, quais são os três modos de se perder a santidade?

1. Doença, perseguição e pobreza.
2. Ignorância, isolamento e cansaço.
3. Dúvida, negligência e excesso de zelo.
4. Por pecado atual, por dúvida e incredulidade, e por deixar de confessá-la.

Resposta: (d) Correto. E ele distingue: só o primeiro caso implica também a perda da justificação.

4. O que Roberts quer dizer ao afirmar que ninguém é feito perfeito pela fé?

1. Que a inteira santificação depende de obras meritórias.
2. Que a purificação do coração é recebida pela fé, mas a maturidade comprovada vem pela fidelidade e pelo sofrimento ao longo do tempo.
3. Que a perfeição é impossível nesta vida.
4. Que a fé é irrelevante para a santidade.

Resposta: (b) Correto, e o paralelo é o próprio Cristo, que aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu (Hb 5.8-9).

5. O que caracteriza a santidade defeituosa, em contraste com a falsa?

1. A defeituosa é fingida; a falsa é sincera mas equivocada.
2. A defeituosa nega doutrinas essenciais; a falsa apenas exagera regras.
3. A defeituosa é verdadeira mas incompleta; a falsa é edificada sobre suposição falsa, como dar por justificado quem apenas ocupa posição respeitável.
4. A defeituosa é individual; a falsa é coletiva.

Resposta: (c) Correto. As imagens do vapor perdido e do ouro com liga descrevem a defeituosa.

Para refletir

A sua santidade é defeituosa em algum ponto que você já reconhece? Onde falta vapor?

O diagnóstico de Roberts é útil porque não acusa de hipocrisia: ele admite que a santidade pode ser verdadeira e ainda assim ineficaz por adulteração. Os pontos mais comuns são dois. O primeiro é a falta de lealdade suprema a Deus, quando só se reconhece a justiça sancionada pela maioria ou quando a fidelidade à instituição vira dever supremo. O segundo é a santidade que não alcança o dinheiro e as relações de trabalho.

Por que Roberts considerava os bancos alugados uma questão de santidade, e não apenas de administração?

Porque a prática negava o evangelho na prática, por mais ortodoxa que fosse a pregação feita do púlpito. Nas igrejas metodistas americanas do século XIX, as famílias abastadas alugavam os melhores bancos e os pobres ficavam nos fundos ou de pé. Para Roberts, uma santidade que convive com isso já passou do defeituoso para o falso. Vale perguntar qual é o banco alugado da nossa geração: que arranjo prático da nossa igreja separa pessoas por classe, sem que ninguém mais repare?

Para casa

Ler Apocalipse 2.1-7 e escrever o que significaria, na prática, uma igreja ortodoxa e trabalhadora ter abandonado o primeiro amor.

Próxima aula: Aula 14 — O caminho: crise, processo e meios de graça. A última aula do curso reúne o que fazer com tudo o que estudamos, do instantâneo e do gradual à santidade que se espalha.

O caminho: crise, processo e meios de graça

“Desenvolvam a sua salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar.”

Filipenses 2.12-13 · NAA

Leitura prévia: Filipenses 2.12-16; 2 Pedro 1.3-11; Hebreus 12.1-14; Tiago 1.27

Bispo Ildo Mello

O instantâneo e o gradual

Como se dá a santificação: de uma vez, num momento definido, ou aos poucos, ao longo de toda a vida? O Novo Testamento afirma as duas coisas, e qualquer teologia que escolha uma e descarte a outra vai acabar torcendo textos.

TEXTOS DE CRISE

Coisas dadas por realizadas

“Vocês foram lavados, vocês foram santificados, vocês foram justificados” (1Co 6.11). “O nosso velho ser humano foi crucificado com ele” (Rm 6.6). “Estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida” (Ef 2.5). Ressuscitar é um evento, e ninguém ressuscita aos poucos.

1Co 1.2; 6.11; Rm 6.6; Ef 2.5

TEXTOS DE PROCESSO

Coisas que seguem acontecendo

“Somos transformados, de glória em glória” (2Co 3.18). “Se, pelo Espírito, fizerem morrer os feitos do corpo” (Rm 8.13). “Cresçam na graça e no conhecimento” (2Pe 3.18).

2Co 3.18; Rm 8.13; 2Pe 3.18

Uma ressalva de método, porque é aqui que a literatura popular mais escorrega. O aoristo grego não significa, por si mesmo, ação pontual ou instantânea; ele apresenta a ação em bloco, sem informar quanto tempo durou. Frank Stagg chamou o equívoco contrário de “o aoristo abusado”. A distinção entre crise e processo é sólida e não precisa desse apoio frágil: ela se sustenta no modo como Paulo situa as ações na vida dos seus leitores.

O modelo, portanto, é este: **processo, crise, processo**. Há um crescimento gradual que prepara; há um momento de entrega e recepção; há um crescimento gradual que se segue, e que pode ser mais rápido do que antes. É a décima e a décima primeira proposições de 1764.

Quando foi que eu morri para o pecado?

No passado histórico, na cruz. Eu morri quando Cristo morreu por mim. Quando ele morreu, quebrou o poder do pecado; quando ressuscitou, trouxe à existência a vida nova na qual entramos pela fé.

Rm 6.3-5

Na minha própria experiência. No novo nascimento, na inteira santificação, na plenitude do Espírito. “Já que vocês ressuscitaram com Cristo” (Cl 3.1).

Cl 3.1,9

E aqui entra uma observação de experiência pastoral. O velho homem foi crucificado, mas ele vive tentando desprender-se da cruz. Por isso o Novo Testamento consegue dizer, sem contradição, que morremos e que devemos fazer morrer. Colossenses 3 é a prova: Paulo alterna indicativos e imperativos sem nenhum embaraço.

Nos revestimos da armadura para a batalha, e não para um estado incólume de descanso (Ef 6.11-13). O conflito permanece; o que muda com a inteira santificação é a sua natureza: deixa de ser guerra civil, travada dentro de uma vontade dividida, e passa a ser guerra externa, travada por uma vontade unificada.

Até onde é de Deus e até onde é nosso

“Afastem-se de toda forma de mal. E o próprio Deus da paz os santifique completamente... Fiel é aquele que os chama, o qual também o fará.”¹ *Tessalonicenses 5.22-24*

Repare no que Paulo faz. Ele começa com um imperativo dirigido a nós, **afastem-se**, e emenda uma oração dirigida a Deus, **que ele os santifique**. As duas coisas na mesma respiração. Não há como escolher um lado sem mutilar o texto.

1. Obra do Pai

“Santifica-os na verdade” (Jo 17.17). E também pela disciplina: “Deus nos disciplina para o nosso bem, a fim de sermos participantes da sua santidade” (Hb 12.10). O verbo significa treinar, educar uma criança.

2. Obra do Filho

“Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse... a fim de apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa” (Ef 5.25-27).

3. Obra do Espírito

“Somos transformados de glória em glória, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3.18). “Eleitos na santificação do Espírito” (1Pe 1.2).

4. E, no entanto, não somos passivos

Deus opera em nós, mas não devemos ser agentes passivos. Segunda Pedro 1 é o modelo: Deus concedeu tudo o que diz respeito à vida e à piedade (v. 3), e **por isso mesmo** devemos empenhar todo o esforço (v. 5).

Não é certo pensar que Deus fez a sua parte e agora quer que nos viremos sozinhos para fazer a nossa. O trabalho de Deus em nós não é suspenso quando trabalhamos: “Deus é quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar” (Fp 2.13). Paulo dá a operação divina como *razão* do esforço humano, e não como sua alternativa. Porque Deus trabalha, eu trabalho.

Paulo tem ainda a imagem agrícola que resolve a questão: “Eu plantei, Apolo regou, mas o crescimento veio de Deus” (1Co 3.6). Devemos plantar e regar, sabendo que é Deus quem dá o crescimento. O agricultor não faz a semente germinar; mas se não plantar, não colhe.

Os cinco meios de graça

Wesley era muito esperançoso quanto aos modos pelos quais os cristãos podem prosseguir para a perfeição, e chamava esses modos de meios de graça. Não são obras meritórias; são canais estabelecidos por Deus.

1. **A oração.** Não como técnica, mas como permanência. É nela que a vontade é entregue, o diagnóstico é recebido e o desejo é purificado. Um cristão que não ora não será santificado, por mais correta que seja a sua doutrina.
- **A Bíblia.** “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). A Escritura não apenas informa; ela forma. Na minha experiência pastoral, a leitura sistemática é o fator que mais distingue cristãos que crescem de cristãos que estagnam.
 - **A Ceia do Senhor.** Wesley comungava com uma frequência que escandalizava os seus contemporâneos, em média mais de uma vez por semana. Para ele, a Ceia não era apenas memorial; era meio real de santificação.
 - **O jejum.** Prática esquecida entre nós, e recuperá-la faria bem. Ele não move a mão de Deus; move a nossa disposição. Ensina o corpo a obedecer ao espírito e revela apegos que a fartura esconde.
 - **A comunidade de prestação de contas.** As classes e bandas metodistas foram provavelmente a maior contribuição prática de Wesley à espiritualidade cristã. Não havia santidade solitária no metodismo primitivo, e não há hoje.

Wesley incluía também a visitação dos presos, o socorro aos pobres e as obras de misericórdia entre os meios de graça, e não apenas entre as consequências da santidade. Quem serve o pobre é santificado no processo.

“A fé é a condição, e a única condição, da santificação, exatamente como o é da justificação.” *John Wesley, O Caminho Bíblico da Salvação, III.3*

Aqui é preciso desfazer um mal-entendido que faz estrago. Alguém pode ler a lista acima e concluir que a inteira santificação é o prêmio de quem se esforçou o bastante: ora com mais fervor, jejua mais, entrega mais áreas, e um dia a purificação vem como resultado acumulado dessa intensidade. Wesley foi explícito contra isso.

Mas então os meios de graça não são necessários?

São, e Wesley mesmo levanta a objeção. A resposta dele é uma distinção de ordem: o arrependimento do crente e as obras de piedade e de misericórdia são necessários *remotamente*, em vista da fé e da sua continuação; a fé é necessária *imediatamente*. Quem negligencia de propósito os meios de graça não deve esperar ser santificado, nem crescer, nem conservar o que já recebeu. Mas não são eles que produzem a purificação: eles nos mantêm no caminho onde ela é dada.

Consagração é a mesma coisa que inteira santificação?

Não, e confundir as duas foi o erro que produziu a chamada teologia do altar do século XIX, com a sua fórmula tranquilizadora: eu coloco tudo sobre o altar, o altar santifica a oferta, logo estou santificado. Guarde a distinção assim: eu me consagro, Deus me santifica. A consagração é a minha entrega integral, com arrependimento e renúncia. A inteira santificação é a obra de Deus que purifica o coração e o enche de amor, e que eu recebo pela fé.

O que isso muda na prática?

Duas coisas, e as duas libertam. Primeira: eu não preciso ficar melhor antes de crer. Wesley insistia em três pontos ligados entre si, de modo que negar um é negar todos: espere pela fé, espere como você está, e espere agora. Segunda: isso impede que a doutrina vire mérito. Se a purificação viesse pela intensidade da consagração, os mais disciplinados estariam na frente, e teríamos de novo uma hierarquia espiritual.

O maior obstáculo não é o que se imagina

O maior obstáculo à santidade não é a força da tentação, nem a fraqueza da carne, nem as circunstâncias adversas. É a falta de fé.

O Senhor chama e capacita. O que é impossível para os seres humanos é possível para Deus (Lc 18.27). Se a santidade dependesse de nós, o obstáculo seria a nossa fraqueza; como depende dele, o obstáculo é a nossa desconfiança.

Isso não é retórica: veja a parábola dos talentos.

O servo que enterrou o talento não o fez por preguiça, segundo a sua própria explicação; fez por medo, e por uma imagem distorcida do senhor: “eu conhecia você, que é homem severo” (Mt 25.24). A raiz da esterilidade era teológica: ele não confiava no caráter do senhor.

E a queixa de Deus na parábola da vinha.

“Que mais se poderia fazer à minha vinha que eu não tenha feito? Por que, então, esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas?” (Is 5.4). Deus fez tudo o que se podia fazer. O que falta não está do lado dele.

Pela fé nos apropriamos da graça do Espírito para vencer o pecado (Rm 8.13). A fé é o escudo contra os dardos inflamados do maligno (Ef 6.16). É o poder energizante da fé que opera pelo amor (Gl 5.6). “E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1Jo 5.4).

Como saber, sem cair na presunção nem na dúvida crônica

Como uma pessoa sabe? A pergunta é inevitável, e a resposta errada produz presunção ou desespero.

TESTEMUNHO 1

Do Espírito de Deus

Uma impressão interior pela qual o Espírito testifica diretamente ao nosso espírito que somos filhos de Deus. É direto, e não uma conclusão tirada de premissas.

Rm 8.16

TESTEMUNHO 2

Do nosso próprio espírito

A consciência de que os frutos estão presentes. João dá três critérios objetivos: a obediência (1Jo 2.3), o amor fraternal (1Jo 3.14) e a confissão de Cristo (1Jo 4.2). Paulo acrescenta o fruto do Espírito (Gl 5.22-23).

1Jo 2.3; 3.14; 4.2; Gl 5.22-23

Quando os dois testemunhos concordam, há certeza. Quando divergem, o testemunho objetivo prevalece: uma pessoa com forte convicção interior e nenhum fruto está enganada, por mais sincera que seja. Este é o critério que desarma a maior parte dos abusos.

E uma advertência que salvaria muitos de anos de angústia: o testemunho do Espírito não é a mesma coisa que sentimento agradável. Sentimentos variam com o sono, a saúde, as circunstâncias e o temperamento. O critério não é a intensidade da emoção, mas a permanência do fruto.

E se eu não tiver certeza?

A resposta bíblica não é forçar uma conclusão nem viver em suspenso. É continuar. Se você não sabe se recebeu, entregue de novo. Não há perda nenhuma em consagrar novamente o que já

estava consagrado, e há um ganho evidente em não deixar nada de fora. O que não se pode é ficar parado, esperando uma certeza que só vem pelo caminho. E, para quem sofre de dúvida crônica, um conselho prático: pare de examinar e comece a servir. O fruto se conhece melhor de fora do que de dentro.

Santidade concreta: corpo, dinheiro, língua e tempo

A santidade bíblica nunca fica no abstrato. Quando Paulo fala em santificação, desce imediatamente a áreas específicas (1Ts 4.3-4).

1. O corpo

A santidade cristã consagra o corpo, e não o despreza (Rm 12.1; 1Co 6.19-20). Alcança a área sexual, mas também o descanso, a alimentação, as substâncias que escravizam e o modo como usamos telas. E uma palavra pastoral: a vergonha isolada não santifica ninguém. Quem luta sozinho perde (Tg 5.16).

2. O dinheiro

Nenhum assunto ocupa mais espaço no ensino de Jesus depois do Reino. A ética wesleyana cabe em três frases: ganhe tudo o que puder, sem prejudicar a saúde, a alma ou o próximo; economize tudo o que puder, sem avareza; dê tudo o que puder, que é o propósito das duas primeiras.

3. A língua

“Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão” (Tg 3.2). Tiago liga diretamente o controle da língua à perfeição. O padrão positivo é mais exigente que a lista: “transmita graça aos que ouvem” (Ef 4.29).

4. O tempo

O tempo revela prioridades com uma honestidade que o discurso não tem. Wesley organizava o dia em torno dos meios de graça. Não era legalismo; era arquitetura. Ele sabia que aquilo que não é agendado não acontece.

Nada disso deve ser lido como lista de exigências cujo cumprimento produz santidade. A ordem é a inversa: o coração purificado produz essas mudanças. Roberts o disse melhor: a santidade “não consiste na repetição de boas ações, mas é a condição graciosa da alma que impele à prática de todas as boas ações”.

Espalhar a santidade

A santidade que fica dentro de casa não é a santidade da Bíblia. Wesley formulou a vocação do metodismo em uma frase: reformar a nação, particularmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica por toda a terra.

Tiago une as duas dimensões numa única definição: “A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se sem contaminação do mundo” (Tg 1.27). Misericórdia social e pureza pessoal, no mesmo versículo, sem hierarquia entre elas. A falsa santidade separa o que Tiago uniu.

Wesley levou a pregação a mineiros, operários, presos, enfermos, viúvas e órfãos. “Considero todo o mundo como minha paróquia.”

Diário e Cartas

Pregou santidade que tocava a vida concreta: honestidade nos negócios, fidelidade conjugal, sobriedade, trabalho responsável.

Resultado: famílias restauradas

Publicou um manual de medicina popular para os que não tinham médicos.

Primitive Physick, 1747

Denunciou o tráfico de escravos e escreveu a Wilberforce seis dias antes de morrer.

Thoughts upon Slavery, 1774

A pergunta que Wesley fazia aos seus pregadores, e que fecha este curso: **“Está o seu coração inteiro para com Deus, cheio de amor e zelo para estabelecer o seu Reino na terra?”** Repare que ela une as duas coisas que o curso procurou manter unidas do começo ao fim: o coração inteiro e o zelo pelo Reino. Não são duas espiritualidades diferentes. São a mesma coisa vista por dentro e por fora.

E uma palavra final, para não deixar ambiguidade. A salvação é oferecida a todos e condicionada à fé em Cristo. Nada do que foi dito neste curso sobre a amplitude da graça deve ser lido como se todos fossem salvos independentemente da resposta de fé. “Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida” (Jo 3.36).

A perfeição cristã não é perfeição humana absoluta; é perfeição no amor. Não significa que nunca erraremos. Significa que todo o coração pode pertencer a Deus.

Cartões de memorização

Frente	Verso
Processo, crise, processo <i>Modelo</i>	Crescimento que prepara, momento de entrega, crescimento que se segue.
O aoristo abusado <i>Cuidado exegético</i>	O aoristo não significa, por si, ação pontual. A distinção não depende da morfologia.
O velho homem crucificado <i>Imagem</i>	Vive tentando desprender-se da cruz. Por isso morremos e devemos fazer morrer.
1Ts 5.22-24 <i>Sinergia</i>	Afastem-se (nós) e que Deus os santifique (ele), na mesma respiração.

Frente	Verso
A lógica correta <i>Filipenses 2.13</i>	A operação divina é a <i>razão</i> do esforço humano, não a sua alternativa.
Os cinco <i>Meios de graça</i>	Oração, Bíblia, Ceia do Senhor, jejum e comunidade de prestação de contas.
O maior obstáculo <i>Diagnóstico</i>	A falta de fé, e não a força da tentação (Lc 18.27; 1Jo 5.4).
Os dois testemunhos <i>Certeza</i>	Rm 8.16. Quando divergem, o testemunho objetivo do fruto prevalece.
As três frases de Wesley <i>Dinheiro</i>	Ganhe tudo o que puder, economize tudo o que puder, dê tudo o que puder.
A pergunta de Wesley <i>Fecho</i>	Está o seu coração inteiro para com Deus, cheio de zelo para estabelecer o seu Reino?

Avaliação

1. Qual é o modelo correto da relação entre crise e processo?

1. Apenas crise: tudo se resolve num momento definido.
2. Apenas processo: nada acontece de modo definido.
3. Processo, crise, processo: crescimento que prepara, momento de entrega e crescimento que se segue.
4. Crise repetida indefinidamente, sem crescimento entre elas.

Resposta: (c) Correto. É a décima e a décima primeira proposições de Wesley, de 1764.

2. Por que a aula adverte contra apoiar o argumento da crise no tempo verbal aoristo?

1. Porque o aoristo indica ação futura.
2. Porque o aoristo apresenta a ação em bloco, sem informar duração; quem decide é o contexto.
3. Porque o grego não tem aoristo.
4. Porque as traduções portuguesas não o reproduzem.

Resposta: (b) Correto. Frank Staggs chamou o equívoco contrário de o aoristo abusado.

3. Qual é a lógica de Filipenses 2.12-13?

1. Deus faz a sua parte e depois nos deixa fazer a nossa.
2. O esforço humano substitui a operação divina onde ela não alcança.
3. A operação divina torna o esforço humano desnecessário.
4. A operação divina é a razão do esforço humano: porque Deus trabalha, eu trabalho.

Resposta: (d) Correto. Paulo liga as duas afirmações com um porque, e não com um mas.

4. Segundo a aula, qual é o maior obstáculo à santidade?

1. A falta de fé, isto é, a desconfiança quanto ao que Deus quer e pode fazer.
2. A força das tentações do mundo contemporâneo.
3. A falta de tempo para práticas religiosas.
4. A ausência de bons exemplos na igreja.

Resposta: (a) Correto. Se a santidade dependesse de nós, o obstáculo seria a fraqueza; como depende dele, é a desconfiança.

5. Como proceder quando o testemunho interior e a evidência objetiva do fruto divergem?

1. O testemunho interior prevalece, pois é direto do Espírito.
2. Deve-se suspender qualquer conclusão indefinidamente.
3. O testemunho objetivo prevalece: forte convicção sem fruto indica engano.
4. Deve-se buscar uma nova experiência emocional para confirmar.

Resposta: (c) Correto. É o critério que desarma a maior parte dos abusos.

Para refletir

Qual dos cinco meios de graça está mais ausente da sua vida, e o que você vai fazer a respeito nesta semana?

Vale escolher um só, e marcar a hora. A vontade sozinha não sustenta hábitos; a estrutura sustenta. Wesley organizava o dia em torno dos meios de graça, e não era legalismo, era arquitetura. Entre os cinco, o mais negligenciado entre nós costuma ser o quinto: a comunidade de prestação de contas. Não havia santidade solitária no metodismo primitivo, e não há hoje.

Ao terminar o curso, qual é a sua resposta à pergunta de Wesley: está o seu coração inteiro para com Deus?

A pergunta reúne as duas metades do curso, e por isso é o melhor fecho. Responder honestamente exige as duas verificações que estudamos: a interior, sobre alguma área reservada onde já se decidiu não obedecer (Aula 6), e a exterior, sobre o zelo por estabelecer o Reino, que inclui o pobre, o dinheiro e a justiça (Aula 13). Se a resposta for não, o caminho não é o desânimo, e sim a entrega: quando a Escritura ordena o que não conseguimos, ela promete aquilo que ordena.

Para casa

Escrever uma página respondendo às cinco perguntas que abriram o curso, comparando as suas respostas de hoje com as que você teria dado antes da Aula 1. Guardar o texto e reler daqui a um ano.